

Joseildo Constantino dos Santos

**A violência no contexto escolar: Percepção de professores e  
estudantes da Rede de Ensino Pública e Particular na Cidade de Maceió**

Dissertação

Mestrado em Educação para a Saúde

**Trabalho efetuado sob a orientação da**

Prof<sup>ª</sup>. Doutora. Lídia do Rosário Cabral



agosto de 2016



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me concebido saúde e sabedoria para a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais José Manoel Constantino dos Santos e Beatriz Barbosa de Oliveira Santos, pelo apoio e incentivo.

Aos professores e gestores que colaboraram na realização desta pesquisa.

À professora Doutora Lídia do Rosário Cabral pela brilhante orientação ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Enfim, sou grato a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.



## Resumo

**Enquadramento teórico:** A realização deste trabalho surgiu da própria vivência profissional enquanto professor de Educação Física, lidando com alunos sem perspectivas de futuro, desmotivados, de comportamento agressivo, e com alto grau de indisciplina, caracterizando um perfil violento. A escola atualmente aparece como palco de tensões e a preocupação é evidente já que a escola deve ser um local onde as relações do dia-a-dia traduzem respeito, harmonia, socialização e aquisição de normas e valores, onde os alunos constroem a sua personalidade e uma identidade.

**Objetivos:** Analisar os tipos e frequência da violência no contexto escolar de escolas da rede pública e particular de ensino na cidade de Maceió; Analisar os factores geradores da violência e projetos minimizadores da mesma.

**Metodologia:** Estudo descritivo, exploratório de natureza quantitativa, com 200 professores e 800 alunos de 6 escolas da Rede Pública e Particular de Ensino de Maceió-AL.

**Resultados:** Predomínio de estudantes do sexo feminino, sendo 71,2% na escola pública e 58,% na escola particular, na faixa etária entre os 15-18 anos (65.5%) . Os professores foram de 65% do sexo feminino e 35% do sexo masculino na rede Publica e 45% e 55% na rede Particular, com idades entre os 20 e 60 anos, tendo sido 78% admitidos através de concurso público, com estabilidade vínculo efetivo nesta rede de ensino. Todos os professores da Rede Particular de Ensino atuam sob o regime de contrato com carteira assinada, seguindo a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

Forte predominância da violência verbal em ambos os tipos de instituições e em ambos os sexos e que se somadas perfazem um total superior a 75%. O sumatório de estudantes que em algum momento sofreu violência, nas duas escolas é de 11.4%. De realçar que 39,2% e 28% dos estudantes da escola pública e particular respectivamente informarem que ninguém o ajudou nestas situações.

Na escola Publica os fatores mais relatados como geradores de violência foram: Uso de drogas com 14%, as famílias desestruturadas com 14% e a falta de educação doméstica com 13%. Na rede particular 45 % dos professores referem a desestruturação familiar e 35% a práticas de Bullying. Quando questionados sobre o sentimento de segurança na rede publica apenas 8% se sente seguro. Na rede particular, 65% afirmaram sentir-se seguros.

**Conclusões:** A violência ocorre em ambas as escolas da rede pública ou particular, com menor proporção nas escolas da rede particular, tendo em vista que os projetos desenvolvidos, a estrutura física, e recursos humanos, estão presentes a contento. Ambos os públicos estudantis, convivem e se relacionam nesse mesmo cenário social extraescolar, e que carece ser ocupado em termos de políticas públicas que agreguem valor na formação desse jovem.

**Palavras-chave:** violência, escola, juventude, família, políticas públicas.



## Abstract

**Theoretical background:** This work arose from their professional experience as a teacher of Physical Education, dealing with students with no future prospects, unmotivated, aggressive behavior, and a high degree of indiscipline, featuring a violent profile. The school currently appears as the scene of tensions and concern is evident since the school should be a place where relationships of day-to-day translate respect, harmony, socialization and acquisition of norms and values, where students build their personality and identity.

**Objectives:** To analyze the types and frequency of violence in the school context of public schools and private education in the city of Maceió; Analyze the factors leading to violence and minimizers projects the same.

**Methodology:** descriptive study, exploratory quantitative, with 200 teachers and 800 students from 6 schools Public and Private Network of Maceió-AL Education.

**Results:** Prevalence of female students, 71.2% in public schools and 58% in the private school, aged between 15-18 years (65.5%). Teachers were 65% female and 35% male in the network publishes and 45% and 55% in the private network, aged between 20 and 60 years, and was 78% admitted through public tender, with bond stability effective this school system. All study of Private Network teachers work under the contract basis with a formal contract, following the CLT (Consolidation of Labor Laws).

Strong predominance of verbal violence in both types of institutions and in both sexes and that combined make up a total of more than 75%. The sumatório of students at some time suffered violence in both schools is 11.4%. Note that 39.2% and 28% of students from private and public schools respectively inform anyone helped in these situations.

Public school in the most reported factors such as violence generators were: Drug use by 14%, the broken families with 14% and the lack of home education with 13%. In particular network 45% of teachers refer to family breakdown and 35% Bullying practices. When asked about the feeling of security in the public network only 8% feel safe. In particular network, 65% said they feel safe.

**Conclusions:** Violence occurs in both schools of public or private network, with the lowest proportion in schools the private network, given that the projects developed, the physical structure and human resources, are present satisfactorily. Both student audiences, live and relate in that extraescolar social scene, and that needs to be busy in terms of public policies that add value in the formation of this young man.

**Keywords:** violence, school, youth, family, public policy.



## SUMÁRIO:

Pag.

<b>INTRODUÇÃO</b>	19
<b>PARTE 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	23
<b>1. VIOLÊNCIA</b>	23
1.1 Tipos de violência	23
1.2 Formas de Expressão da violência	27
1.3 A história da violência em suas diferentes concepções	29
1.4 Principais autores presentes no cenário da violência escolar	32
1.5 Causas da violência no espaço escolar	34
1.6 Consequências da violência no processo de ensino-aprendizagem	36
1.7 A violência em território alagoano	37
1.8 Contexto da violência no Brasil e América Latina	40
<b>2. A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS</b>	42
2.1 O debate em torno da Masculinidade no ambiente escolar	46
2.2 O docente e as relações de poder como elemento de violências	48
<b>PARTE II – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA</b>	51
<b>1 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b>	51
1.1 Local de estudo	51
1.2 População Amostra	51
1.3 Instrumento de colheita de dados	52
1.4 Procedimento	52
<b>2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS</b>	52
2.1 Caracterização da pesquisa	52
2.2 Sobre as variáveis respondidas pelos alunos	54
2.3 Sobre as variáveis obtidas a partir das respostas dos professores	57
<b>CONCLUSÃO</b>	71
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	77
<b>ANEXOS I (QUESTIONÁRIOS E GUIÃO DE ENTREVISTAS (ALUNOS E PROFESSORES))</b>	83

ANEXOS II – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (MAIORES DE 18 ANOS E RESPONSÁVEIS _____	87
ANEXOS III – REQUERIMENTOS _____	93

**Lista de Figuras:**

**Figura 1** – Distribuição das taxas de mortalidade acumuladas por bairro em Maceió, Alagoas, 2007 a 2012 \_\_\_\_\_39



## **Lista de Tabelas:**

**Tabela 1** – Número e distribuição proporcional (%) dos homicídios em Maceió, Alagoas, 2007 a 2012 \_\_\_\_\_ 38

**Tabela 2** – Caracterização dos estudantes acessados na rede pública e particular através da pesquisa \_\_\_\_\_ 53

**Tabela 3** – Caracterização dos professores acessados na rede pública e particular através da pesquisa \_\_\_\_\_ 54

**Tabela 4** – Distribuição dos estudantes de escola pública e particular por sexo quanto ao tipo de violência sofrida no ambiente escolar \_\_\_\_\_ 55

**Tabela 5** – Distribuição dos estudantes de escola pública e particular por sexo quanto a frequência com que sofrem violência na escola \_\_\_\_\_ 56

**Tabela 6** – Distribuição dos estudantes de escola pública e particular por sexo quanto a quem oferece ajuda em situações de violência \_\_\_\_\_ 57

**Tabela 7** - Distribuição dos professores da escola pública e particular relativamente à segurança \_\_\_\_\_ 66



**Lista de gráficos:**

**Gráfico 1** – Percepção dos professores sobre os fatores geradores de violência na escola pública \_\_\_\_\_ 58

**Gráfico 2** – Percepção dos professores sobre os fatores geradores de violência na escola particular \_\_\_\_\_ 65

## **Lista de Abreviaturas e Siglas:**

CLT: Consolidação das Leis do Trabalho

GSI: Gabinete Segurança Institucional

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ILANUD: Instituto Latino Americano para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente

LDB: Leis de Diretrizes e Bases

OMS: Organização Mundial da Saúde

ONU: Organização das Nações Unidas

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PROERD: Programa Educacional de Resistências as Drogas e à Violência

RE: Rede Pública

R.P: Rede privada

SEEA: Secretária de Educação do Estado de Alagoas

SIM: Sistema de Informações sobre Mortalidade

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

## INTRODUÇÃO

A violência enquanto fator social não faz distinção de classes sociais ou etnias, manifestando sob a forma de conflito, no qual quem detém o poder momentâneo utiliza de artifícios para intimidar a possível vítima; artifícios estes na tentativa de humilhar, diminuir, promovendo agressões físicas, verbais e psicológicas. Segundo SILVA (2010) estamos vivendo num mundo em decadência, onde o medo está presente na vida das pessoas, e estas se mostram impotentes diante do quadro atual de violência, corrupção e falência das instituições sociais. Existe uma busca por estratégias que garantam uma sobrevivência diante de tal conjuntura, como por exemplo, a de se armar e transformar suas residências e automóveis em autênticas fortalezas.

A violência também se faz presente, porém, de diferentes formas entre todos os envolvidos no processo educativo. Esse tipo de situação não é esperado e nem desejado no ambiente escolar. Pois, este será o lugar de formação ética e moral dos sujeitos ali inseridos, sejam eles alunos, professores ou demais funcionários, assim como toda a comunidade circunvizinha (ORTEGA-RUIZ, 2002).

A inquietação para a realização deste trabalho, surgiu da própria vivência profissional, em virtude de na prática diária com os protagonistas escolares, enquanto professor da rede pública de ensino atuando na disciplina de Educação Física, lidamos com alunos, muitas vezes, sem perspectivas de futuro, desmotivados, de comportamento agressivo, e com alto grau de indisciplina, caracterizando um perfil violento, onde causa estranheza e preocupação a normalização de tais comportamentos e atitudes.

Enquanto educadores, devemos nos questionar sobre as causas do problema incluindo a nossa própria participação neste processo, o que implica em refletir nossa prática: Será que estamos utilizando a metodologia adequada para assistir este aluno que apresenta atitudes violentas ao bom convívio dentro do ambiente escolar e tem, com isto, prejuízos na aprendizagem? Qual deve ser o papel do professor diante deste alunado? Excluí-lo? Ou tentar inserir mostrando-lhe o caminho para o bem? Será que os educadores estão preparados para lidar com esse tipo de aluno?

Nesse entendimento, a violência no cotidiano escolar vem se agravando, e a cada dia se torna ainda mais desafiadora a função de ensinar, provocando certa insegurança nos profissionais da educação onde a escolarização formal encontra-se em crise. As

crianças e os adolescentes mostram-se, por outro lado, pouco acostumados a vivenciar e a respeitar limites que visam assegurar a sobrevivência de si e a do grupo no qual estão inseridos. Os educadores, por outro lado, não sabem como agir. As sanções (punições), em outros tempos utilizados, não são mais aceitas pelo alunado, mesmo quando são aplicadas, parecem ser ineficientes.

A escola deve oferecer educação e proteção, onde o indivíduo pode ter a possibilidade de interagir e adquirir saberes, colocando em prática o exercício da cidadania, o que se observa é que este ideal não mais condiz com a realidade da maioria dos estabelecimentos de ensino, pois, hoje observam-se mudanças drásticas na forma de interpretar essa instituição social chamada escola, tanto pela presença ostensiva de polícias, quanto na sua estrutura com grades em portões quase sempre fechados, substituição de janelas por frestas, instalação de câmeras, entre outros recursos.

Diariamente observamos, por intermédio de jornais, rádio e televisão, comportamentos agressivos, infratores e transgressores ainda em idade infanto-juvenil, fazendo com que as instituições escolares se vejam obrigadas a lidar com fenômenos como o bullying, o furto, o tráfico, o desrespeito e o preconceito. Tais ocorrências no âmbito externo à instituição, provocam desconfiança e desconstroem a sua representação enquanto entidade educativa, que agrega valores aos adquiridos pelos jovens no seio familiar.

Com isso, a própria escola também acaba se tornando gestora da violência, quando reveladas desigualdades sociais, situações de carência física e estrutural e de condições básicas ou mínimas de manutenção que cotidianamente professores e alunos vivenciam, criando novas formas de violência e/ou reproduzindo-as. A região da cidade onde foi realizado o presente trabalho é comum vivenciar atos violentos e, principalmente, os praticantes desses atos costumam ser adolescentes e jovens.

Enquanto professor de Educação Física, cuja disciplina costuma ser bem aceita pelo alunado, com o desenvolvimento de ações esportivas e recreativas que visam a integração, sociabilização, respeito mútuo e cidadania.

Múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento. Entre eles, se consideram fundamentais as atividades culturais de

movimento com finalidade de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde. (PCN, 2001, pág. 27).

O presente trabalho pretende analisar : Analisar os tipos e frequência da violência no contexto escolar de escolas da rede pública e particular de ensino na cidade de Maceió; Analisar os factores geradores da violência e projetos minimizadores da mesma.

Para melhor compreensão do trabalho, ele está organizado da seguinte forma: Na Parte I, reportamos dados sobre a violência no contexto da América Latina, em um lugar onde não há guerras, no início do século XXI, contudo, as mortes por violência entre jovens, público estudado, apresentam dados assustadores.

Foram abordados os tipos de violências, acometidas também dentro do ambiente escolar e abordamos uma diversidade de autores presentes nesse cenário da violência nas escolas. Antes mesmo de realizar a abordagem sobre a conjuntura brasileira de violência na escola, houve exposição da violência em todo território alagoano, local onde esta pesquisa foi desenvolvida e as escolas acessadas estão localizadas em bairros periféricos da zona sul de Maceió.

Na parte II foram desenvolvidas as questões metodológicas, discriminando o trabalho de campo que se iniciou com uma visita às escolas e desenvolvido uma aplicação de questionários aos alunos e professores das escolas acessadas. No último capítulo relatamos os resultados da pesquisa fazendo a sua discussão confrontando com a opinião de alguns autores pesquisados.

Esperamos possibilitar uma maior compreensão sobre a violências nas escolas, pois já é um dos grandes males instalados nas instituições de ensino, tanto na rede públicas e particular do Brasil, para que as autoridades competentes tenham um olhar mais atento e que possa contribuir para minimizar e acabar com esse caos instalado.



## PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1. VIOLÊNCIA

Para tratarmos deste tema no presente trabalho, torna-se fundamental abordar contexto da América Latina, um lugar onde não há guerras no início do Século XXI, mas as mortes por violência, especialmente entre os jovens tem apresentado dados assustadores e ainda crescentes, podendo este fato ser considerado um verdadeiro genocídio para a juventude, onde a morte de muitos homens vem produzindo um grande número de viúvas e de órfãos, sendo um número até superior do que os encontrados em confrontos armados vistos em programas de televisão que ocorrem no resto do planeta. Para tanto, ao longo deste capítulo, buscou-se destrinchar os mais variados aspectos em que se possam relacionar, jovens em idade escolar, foco desta pesquisa e violência, para posteriormente debruçar especificamente na violência no ambiente Escolar.

#### 1.1 Tipos de violência

O exercício de práticas violentas pode assumir diferentes formas e pode ser usado várias categorias, que muitas vezes podem ocorrer simultaneamente, sendo as mais comuns são:

##### **Violência verbal**

Abuso verbal ocorre na comunicação agressiva, onde ele expressa o que se quer, ou se pensa em detrimento dos direitos e sentimentos dos outros, tendem a humilhar e atacar, não visa desenvolver a negociação ou o diálogo no processo de comunicação. Ingus (2005) afirma que é mais imperceptível do que a violência física, mas com consequências ainda mais graves para a psique daqueles que sofrem os efeitos, abuso verbal, muitas vezes não é levado em conta, porque poucos sabem quando estão sendo vitimizadas. Para os agressores pode-se dizer que não causa danos físicos, é difícil de denunciar e enfrentar, mas os danos especialmente em crianças e adolescentes podem minar a auto-estima. Ocorrem comentários degradantes no abuso verbal, insultos, sobre a falta de atração física, inferioridade ou incompetência, gritando insultos, acusações, zombando e gestos humilhantes. A gravidade do que está diretamente relacionada com a

periodicidade das desqualificações. Afirmado que "a humilhação continua destrói a auto-estima e afeta gravemente a dignidade" (2005: 2). A violência verbal, principalmente oral, é aquele em que a escolha de palavras, entonação e volume de voz se trata de dominar outra pessoa, tornando provocar esse sentimento de impotência, raiva, humilhação, vergonha, inutilidade e vexame "(2005: 3).

Inferindo que a vítima começa a internalizar a crítica e acaba por tolerar a violência, vendo-a como uma punição por seus pecados. Igualmente prejudicial é o uso de comparações, quando colocado outro exemplo, destacando seus pontos fortes e comparando possíveis inadequações. Se essas frases é adicionado o som, entonação e gestos de uma comunicação agressiva, somos confrontados com uma situação de violência, o que no caso das crianças pode prejudicar a auto-estima, por conseguinte, o seu sentido de auto-estima, a sua capacidade de confiar e de se relacionar, minimizando suas habilidades sociais e acadêmicas.

Pesquisadores como Aravena (2005), entre outros, argumentam que a intimidação verbal é comum o uso de insultos, telefonemas ou mensagens ofensivas, xingamentos e / ou utilizar linguagem sexual indecente.

O processo de comunicação é definida como o abuso verbal está intimamente relacionado com o abuso psicológico e social, uma vez que a função é denegrir publicamente sem falar ou falando mal, rindo quando ele ou ela está errada , zombando de sua aparência física, criticando o que ele faz.

Alguns autores também concordam que existe o objetivo humilhar frases são usadas como: "como poderia ser assim", "Por que eles dão a cabeça", "só você que você pode pensar!". Neste contexto Cardigan citado por Arellano (2007), informou que a investigação relacionada com este tema sugere que crianças abusadas são mais propensos a tornar-se agredidos verbalmente ou se tornar abusadores ou pode tornar-se pessoas deprimidas e auto-destrutivos em mais tarde sua vida.

### **Abuso físico**

Quanto ao abuso verbal é possível dizer que este tipo de abuso permeia todos os outros tipos de abuso abuso físico. O abuso físico é qualquer ação não acidental que causa dano físico, eles podem ser classificados de acordo com sua gravidade (em termos de física) dano como: leve, moderada ou grave. Na sequência das propostas do Instituto

Aragon de Serviços Sociais (IASS) e a Associação de Desenvolvimento Comunitário em Áreas de Aragon (ARELLANO, 2007), abusos físicos menores são aqueles que não causam dano / lesão grave e, portanto, não requerem atenção médica, também indicam que os danos físicos moderados são aqueles que têm exigido algum tipo de diagnóstico ou tratamento médico, mas não necessitam de hospitalização e graves seriam aqueles que requerem atenção médica imediata ou hospitalização devido a lesões de abuso. Entre a manifestação mais comum é que entre pares na escola são: empurrando, chutando, agressão com objectos, lutas e espancamentos.

### **Abuso social**

O abuso social, refere-se ao abuso feito contra a vítima diante de outras pessoas com o que se destina a isolar o grupo em relação ao indivíduo. Rodriguez, Lake e Pedreira Massa (2006) definem como a aquele que ocorre com o objetivo de espalhar boatos depreciativos e humilhantes que reivindicam a exclusão.

No que diz respeito à disseminação de boatos, sabe-se que a fofoca e boato são mecanismos de crítica social, sobre essas formas de comunicação é tecido mais denso do conflito e da convivência diária nas escolas, onde está presente a violência interpessoal; Os participantes representam um tipo de comportamento mais ou menos ritualizada que inclui, além do léxico, códigos cinésicos (dirigido e sustentando olhares, expressões faciais exageradas, abertura dos olhos, sorrisos) e som (tom de voz) (Acosta, 2002). Estas formas de abuso são acompanhados principalmente com gestos, olhares, caretas ou às vezes gestos obscenos, que são constituídas como veículos que transmitem abuso, esta situação é conhecida na literatura como Bullying gestual (Avilés, 2006).

### **Abuso financeiro**

Abuso econômico, pode ser entendida como a busca pelo controle dos recursos econômicos da vítima; isso implica na destruição ou privação dos meios de subsistência e / ou a propriedade, ocorre quando a criança ou jovem é subtraído ou exige-se a levar para a escola, quando eles roubam seus pertences, ou ocultam ou destroem suas posses. O roubo e destruição de útil entre os estudantes, são uma expressão de violência que caminha junto com a física e a simbólica, particularmente a ameaça de que muitas vezes envolvem tais atos.

## **Abuso psicológico**

O abuso psicológico é aquele que evidencia de situações usando os sentimentos nocivos sobre a auto-estima. Unidos que podem ser consideradas abuso psicológico, o dano (intencional ou não) feito contra as habilidades de uma criança / adolescente, prejudicando sua auto-estima, a sua capacidade de se relacionar, e sua capacidade de se expressar e sentir. Isto provoca uma deterioração da personalidade, a socialização e, em geral, o desenvolvimento harmonioso das suas emoções e habilidades.

Da mesma forma qualquer situação de abuso psicológico, como o assédio, abuso através da humilhação, ameaças, insultos, descrédito e difamação, realizadas intensas ou prolongadas, faz com que sejam gerados uma série de danos psicológicos, incapacitando a pessoa de se defender.

A violência psicológica, não é uma forma de comportamento, mas um grupo heterogêneo deles, ela entra no jogo de relações, expressões orais e gestos. Dentro deste conjunto pode incluir todos os tipos de ataques acima mencionados: físico, verbal, sexual e à propriedade; de fato, a violência psicológica tem muitas faces, algumas são óbvias, outras praticamente impossível identificar como tal, mas todas as formas de abuso e assédio moral podem deixar sequelas devido ao efeito que prosseguem.

Del Barrio et al. (2003) nos dizem que as forças geradoras de tensão no ambiente escolar não parte necessariamente de um grupo, o desconforto experimentado por pessoas que sofrem abuso de seus pares, fica verificada que a vulnerabilidade é maior entre os jovens porque são indivíduos em desenvolvimento, e adolescentes que ainda estão construindo seus processos cognitivos e afetivos, relacionamentos com seus pares que precisam passar por teste, tais como ocorre para os adultos.

Assim, a violência escolar, no seu sentido social, é uma questão de saúde, um importante fator de risco psicossocial, dadas as consequências múltiplas e diversas no nível social, psicológico e biológico. Autores como Olweus, distinguir dentro do fenômeno do bullying entre a agressão direta e indireta (Olweus, 1993) ou agressão explícita contra as agressões secretas (Crick, Casas e Ku, 1999). Entre os ataques explícitos ou diretos são ambos físicos (chutes, socos, empurrões, ameaças, ameaças com armas) e verbais (insultos, chantagem, entre outros). Da mesma forma, entre

agressões indiretas ou encobertas encontramos as propriedades físicas (esconder, danos materiais, roubo, entre outros), e o caráter de verbal (xingamentos, espalhando boatos).

No entanto, ainda incluídos dentro do espectro de comportamentos de abuso relacional, agressões indirecta e dissimulada, que visam desacreditar socialmente a vítima a fim de destruir suas relações, causando isolamento com referência ao grupo, promovendo uma exclusão social igual progressiva (Griffin & Gross, 2004).

## **1.2 Formas de expressão da violência**

Ao pensarmos nas formas de expressão da violência, não conseguiremos recordar de todas as suas possibilidades de manifestação, e de outro modo, conseguir identificar na juventude um indício físico ou sintoma isolado, não deve necessariamente configurar a sua existência. A partir desse pressuposto, fica a observância da necessidade de que os profissionais que lidam com jovens no ambiente escolar, além da qualificação profissional para o exercício das suas funções também esteja devidamente preparado para identificar problemáticas de cunho físico, emocional, de negligência e sexual, geradores de tensão nos jovens (BRASIL, 2002).

A violência, em si, de fato é atualmente um dos principais problemas globais, podendo ser considerando um problema de saúde pública, para o qual tem sido necessário um envolvimento e suporte cada vez maior das autoridades no desenvolvimento de políticas e ações para a prevenção da violência e promoção de um cultura de paz. A preocupação com esses índices tem uma participação proporcional com o adoecimento da população, e uma associação direta com a mortalidade, especialmente na juventude (MASCARENHAS et al, 2010).

A violência está cada vez mais presente dentro das escolas, e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. Esse tipo de situação não é esperado e nem desejado no ambiente escolar, visto que, escola é lugar de formação ética e moral dos sujeitos ali inseridos, sejam eles alunos, professores ou demais funcionários e toda a comunidade circunvizinha a toma como exemplo. Diariamente a mídia notícia crimes e/ ou infrações cometidas dentro do ambiente escolar por crianças e adolescentes. De acordo com Souza **apud** Linhares (2005, pag. 01), estes comportamentos agressivos estão ligados à intolerância e se caracterizam por agressões verbais, físicos, pichações, pequenos furtos e formação de gangues.

Segundo Abramovay **apud** Linhares (2005, pag. 02), conceituar violência requer uma certa cautela, pois se trata de um fenômeno inegavelmente dinâmico e mutável, suas dimensões e significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. O mundo histórico, a localidade, o contexto cultural e uma série de outros fatores atribuem à violência uma dependência desses fatores que a caracterizam com um dinamismo próprio dos fenômenos sociais.

A motivação para a realização deste trabalho surgiu da própria vivência profissional, em virtude de na prática diária com os protagonistas escolares, enquanto professor da rede pública de ensino atuando como profissional de Educação Física, lidamos com alunos sem perspectivas de futuro, desmotivados, de comportamento agressivo, e com alto grau de indisciplina, caracterizando um perfil violento, onde causa estranheza e preocupação a normalização de tais comportamentos e atitudes.

Utilizando de conceituações sobre a violência, e tendo-a como norte e objeto de estudo para o presente trabalho. A Organização Mundial de Saúde (OMS) compreende a violência como o estabelecimento de uma relação desigual, onde ocorra de fato o uso do poder ou se faça uso de ameaça além da força física, podendo resultar em ferimento, prejuízo psicológico, opressão ou morte (BRASIL, 2011).

Entretanto, para que esta aconteça no contexto escolar segundo ABRAMOVAY et al. (1999), torna-se necessária a participação dos agentes estressores: problemas familiares, culturais, psicológicos, financeiros, desigualdade social, entre outros.

A escola surge como uma peça fulcral neste contexto, constituindo-se como num palco vital de tensões, conflitos e agressões, a preocupação e redobrada quando pensamos na escola como um local onde as relações do dia-a-dia deveriam traduzir respeito ao próximo, através de atitudes que levassem à amizade, harmonia, socialização, integração das pessoas e aquisição de normas e valores, onde os alunos constroem a sua personalidade e uma identidade, com transformação do adolescente, num adulto produtivo e maduro (FERREIRA et al, 2003).

Com o atual aumento da precarização da educação, é frequente vermos alunos desestimulados, onde os educadores estão lidando com situações difíceis no seu dia a dia. Aprender a respeitar limites, regras e autoridade, trabalhar adequadamente em equipe, respeitar as dificuldades e limitações do outro, assim como ter atitudes de

respeito ao próximo, tornaram-se desafios tão importantes, quanto a aquisição do conteúdo curricular básico (FERREIRA et al, 2003).

Nesse entendimento, atuando como Professor da Disciplina Educação Física da rede pública de ensino há 10 anos, e comum vivenciar atos violentos e agressivos praticados pelos alunos no cotidiano escolar e que tal fato vem se agravando, onde a meu ver, está bastante desafiador a função de ensinar, onde a escolarização formal encontra-se em crise. As crianças e os adolescentes mostram-se, por outro lado, pouco acostumado a vivenciar e a respeitar limites que visam a assegurar a sobrevivência de si e a do grupo no qual estão inseridos. Os educadores, por outro lado, não sabem como agir. As sanções (punições), em outros tempos utilizadas, não são mais aceitas e, mesmo quando são aplicadas, parecem ser ineficientes. Em relação às novas, quando eles as conhecem, ou se mostram céticos (pessimistas) em relação a sua eficácia ou não sabem quais devem ser aplicadas.

Quanto a violência nas escolas, especificamente, tais fenômenos têm se tornado cada vez mais objeto de preocupação de professores e dos demais membros ligados à instituição escolar (diretores, coordenadores pedagógicos, supervisores de ensino, auxiliar de sala e entre outros), a ponto de muitos manifestarem descrença no tocante à possibilidade de mudança desse quadro sombrio. Os professores chegam, inclusive, a dizer o seguinte, Segundo Silva:

*Já fiz de tudo o que era possível, isto é, conversei com os alunos e com os seus pais, dei suspensão, apliquei pontos negativos, mudei a metodologia de ensino, e as crianças e os adolescentes continuam indisciplinados e violentos.(SILVA, 2010, pág. 17)*

O aumento significativo da ocorrência destes fenômenos tem sido, inclusive, objeto crescente de preocupação dos meios de comunicação de massa. Dada a complexidade do tema, o objeto deste trabalho é identificar a origem da violência no contexto escolar nas escolas públicas e privada de ensino na cidade de Maceió.

### **1.3 A história da violência em suas diferentes concepções**

De início faremos uma abordagem, indo um pouco mais além do que um conceito, A violência é um termo utilizado na vida cotidiana para descrever comportamentos, situações, efeitos de comportamentos e sentimentos vivenciados.

Nesse sentido, trazemos uma noção mais plano com significados variados. Em outras palavras, a violência, mesmo quando conceituada, é antes de tudo uma palavra contra a qual não podemos permanecer neutro, uma vez que envolvido em ambos os significados racionais e emocionais (HERNANDEZ, 2000).

A palavra violência expressa diferentes ações em diferentes áreas, com diferentes atores, e adquire novos significados em diferentes períodos históricos. Ela trabalha como parte de uma pluralidade de discursos diários e disciplinares, aparece em diferentes contextos explicativos e com diferentes interpretações ao longo do tempo. Esta é a razão pela qual, quando se trata de tecer definições pragmáticas sobre esse fator social, a violência, em diversas ocasiões o discurso se torna ambíguo e assim permanece vago e sujeito a múltiplas interpretações. Esta constatação nos leva a compreender que a variedade de interpretações aponta para a dinamicidade desse evento (ANSER et al, 2003).

Quando se fala em violência, geralmente, enquadrados ações ou comportamentos criminosos, particularmente aquele efetuado contra uma pessoa. Medo e insegurança em relação a crimes tomaram de assalto o cidadão comum, não apenas perceber que houve um aumento no número de crimes, mas que acima de tudo, intensificou uso da violência nesses crimes. Ou seja, têm sido cada vez mais presente. Esta matriz emocional é inseparável de seu significado e tem sua origem em seus efeitos, ou a partir de outro ponto de vista, a experiência de violência. Nesse sentido, a violência torna-se uma ameaça (HERNANDEZ, 2000).

Portanto, não é de estranhar que os estudiosos da hermenêutica de discursos descobriram que a palavra "violência" é frequentemente usada em discursos polêmicos que eles querem influenciar a opinião dos outros, procurando demonizar ações, para distinguir o certo do errado e, nesse sentido, com a intenção desqualificação ou qualificação moral ou político, que em muitas ocasiões permite a justificação de contra ações violentas. Este é um dos mecanismos de sentido que incentiva a criação dos círculos viciosos de violência (HERNANDEZ, 2000).

Atente para o potencial do conceito, pois, torna-se muito importante em qualquer pesquisa que trate da temática da violência ser uma conceitualmente delimitada por comportamentos definidos ou um campo estabelecido. Não se deve deixar de lado que as relações e sobreposições devem ser sempre apresentadas num entendimento entre a política, a moral e a legalidade (ANSER et al, 2003).

A primeira coisa a se considerar nesse sentido, com a finalidade de compreender o que seria essa violência criminal são os processos de reação ou a reação decorrente das instituições do Estado, aqueles que têm legitimamente o poder de agir sobre os casos de violência física. Assim, as ações de instituições, como a própria polícia e o sistema de justiça são parte indissociável na história de violência criminal ou penal em qualquer sociedade (ANSER et al, 2003).

Portanto, ponderações sobre comportamentos violentos, podem acabar desconsiderando eventos criminosos também praticados pela própria polícia, esta que esta posta na sociedade como função de defesa da população, mas que entretanto, acaba se entranhando na teia social construída pela violência. Assim, decisões judiciais, tornam-se duvidosas, e a própria definição de violência criminal para a população fica ambígua (HERNANDEZ, 2000).

Os dados sobre aumento da criminalidade nos últimos anos, demonstram o grau de insegurança da população, e que faz com que os órgãos de segurança pública sejam vistos de um modo geral, como sendo pouco operativos ou que a polícia atualmente tem pouca eficácia nas suas ações, permitindo no Brasil a criação de verdadeiros circuitos de violência. Numa sociedade como a nossa, onde ainda é forte legado autoritário no estado apesar de dizer democrático, este é o perfil institucional que prevalece em organismos de polícia, e, assim, a violência se desenvolvem nas suas práticas (HERNANDEZ, 2000).

A partir de um relatório divulgado pela Organização Mundial de Saúde, chegou-se ao número de 1,6 milhão de pessoas indo a óbito no mundo a cada ano. Nesse mesmo relatório, consta ainda a ressalva de que outros milhões de pessoas são mutiladas ao redor do mundo devido a ataques. Em virtude disso, a violência se apresenta na atualidade como a principal causa das mortes de pessoas na faixa etária entre os 15 e 44 anos. Com a divulgação deste relatório, a OMS solicitou que os governos de todo o mundo empreendam maior empenho para a adoção de medidas urgentes para diminuir índices de assassinatos, violência doméstica e conflitos armados (Krug, 2002).

Segundo consta ainda sobre o mesmo documento, a violência aparece representando 14% das mortes entre os homens e representando 7% das mortes entre as mulheres. Tudo isso faz remontar a ideia de que uma pessoa pode estar morrendo a cada minuto em alguma parte do mundo a cada minuto, vítima da violência. Suicídios

também entram nessa conta, e estatísticas apontam que uma pessoa comete suicídio a cada 40 segundos e 35 pessoas morrem por hora em conflitos armados. São números realmente alarmantes (Krug, 2002).

Ainda sobre a América Latina, vale ressaltar que mesmo os países que apresentam as menores taxas, tais como Uruguai, Argentina e Cuba, quando comparados em nível internacional, assumem colocações intermediárias ou podendo ser até considerados com alto grau de violência, tendo uma drástica diferença da maior parte dos países da Europa e da Ásia (WALSEIFISZ, 2012).

No Brasil, as mortes por homicídio causadas por armas de fogo, deixam evidente a fácil disponibilidade e o amplo acesso a esse tipo de material no país. Em uma pesquisa utilizando dados do Instituto Médico Legal de São Paulo, mostrou que na década de 1960 esse tipo de arma era utilizado em 28,4% da totalidade de mortes (MELO JORGE, 1979), e chegando a 90% nos anos 2000. Noutra capital da região Nordeste do Brasil (Recife), em 1997, houve utilização de arma de fogo em 97% dos homicídios em menores de 20 anos (FALBO et al., 2001).

A epidemiologia tem se preocupado em buscar compreender cada uma das causas, das práticas violentas no meio social, tentando abarcar as suas causas. Comumente tem sido apontado com mais força o consumo exacerbado de bebidas alcoólicas e o uso de drogas como fatores preponderantes. No caso do álcool, estudos tem mostrado, maior prevalência entre as vítimas de agressões (CARVALHO, 2002). E sobre outras drogas, o seu consumo tem sido dia a dia mais crescente, merecendo atenção ao ambiente escolar.

#### **1.4 Principais autores presentes no cenário da violência escolar**

As relações sociais em algumas cidades brasileiras, cada vez mais, estão sendo marcadas pelo elemento assustador e gerador de pânico e tensões, que é a violência urbana. Segundo Souza (2011), sem distinguir espaços onde esse fenômeno se faz presente, lugares antes considerados até imunes a comportamentos considerado como agressivo, a escola tem ultimamente se apresentado como um importante cenário para práticas de violência, em virtude do crescimento da violência juvenil.

Como comenta Souza (2011), a escola pública acaba sofrendo muito mais desse mal do que outros espaços de convivência entre os jovens, pois recebe uma série de influências sociais demandadas e reconhecidamente reprimidas, visto a característica de

em geral estar localizada em bairros periféricos, frequentada por estudantes do entorno, por onde subentende-se uma comunidade desassistida de aparelhos do Estado, o que se estende à própria instituição, que acaba por funcionar de forma precária. Conflitos ocorridos na própria comunidade (extra escola), costumam ser estendidos ao ambiente interno. Contudo, ainda são poucos os estudos tratando da realidade brasileira e os atores (professores/gestores, alunos, pais, técnicos/funcionários) que participam nesse cenário (SOUZA, 2011). E isso se justifica pelo fato de que se torna tarefa por deveras difícil separar que tipo de violência é gerada por situações próprias da escola, com práticas violentas advindas do seu respectivo entorno social.

Apesar da violência encontrada na literatura científica, possuir uma série de classificações e rotulações, muito bem demarcadas em cada pesquisa, quando se parte para analisá-las em conjunto ou de forma comparativa, muitos critérios para classificações diferentes coincidem, tornando confuso o uso destes critérios por outros pesquisadores. Minayo (1994) fala que a mídia é responsável pelo entendimento reducionista de que toda violência urbana está ligada à delinquência, ou criminalidade.

De maneira geral, as violências nas escolas podem ser descritas da seguinte maneira:

A violência nas escolas pode manifestar-se em três níveis: - violências (golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos); - incivildades (humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito); - violência simbólica ou institucional: compreendida como falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos, ensino como desprazer [...], imposições de uma sociedade que não sabe acolher seu jovem no mercado de trabalho, violência nas relações de poder entre professores e alunos e negação da identidade e satisfação profissional aos professores [...] (ABRAMOVAY E RUA, 2002, p.69).

Com isso, o que se coloca como proposição de debate, é que a violência urbana que ocorre nas escolas enquadra-se mais nas manifestações do nível de violências, havendo uma aproximação com as incivildades e/ou simbólicas/institucional, a partir de onde apreende-se a importância de se estudar esse tipo de fenômeno, tão presente na sociedade brasileira.

Além do fato de que, inclusive já mencionado de que a presença marcante da violência em algumas escolas, ter uma tendência a coincidir que essas instituições estejam localizadas em regiões onde os equipamentos e serviços públicos não atendem de maneira eficiente às necessidades da população. Outra questão de relevância ainda maior é o genocídio da juventude brasileira, uma vez que, é lugar comum jovens que praticam violência, acabarem por ser vitimados. Isso torna ainda mais importante a ideia

da escola enquanto cenário, tanto para o risco, como também de combate à esse tipo de situação (SOUZA, 2011).

Assim, fica como pensamento de que os dilemas sociais existentes, são reflexo da insuficiência de políticas públicas. E a sociedade precisa se ver como parte do processo educativo no enfrentamento desse problema. De modo que direitos sociais e civis consagrados na Constituição Federal sejam garantidos e efetivados. Colocando os próprios jovens como protagonistas políticos desse processo, e à frente desse campo que tanto necessita de transformação (ABRAMOVAY, CUNHA e CALAF, 2009).

Entretanto, sobre um aspecto os atores escolares concordam, sobre as causas atuais geradores do clima de tensão no ambiente escolar, de que o tráfico e o consumo de drogas, sempre vistos como um problema externo às escolas, agora passa a ser figura e assunto constante, criadora das situações mais diversas entre as escolas e seu entorno (SOUZA, 2011).

### **1.5 Causas da violência no espaço escolar**

A escola tem vivenciado um momento bastante crítico em relação à violência, sendo comum a vivência com a agressão verbal, física, o vandalismo, entre outras expressões da violência. E diante da degradação dessas relações no espaço escolar, muitos profissionais se veem incapazes, de mãos atadas diante de tal conjuntura (OLIVEIRA e SOUZA, 2014).

Noronha (2013) realizou uma pesquisa com professores em municípios paulistas, e nesta investigação verificou que 44% dos professores já sofreu algum tipo de violência, com 39% das agressões sendo verbais, 10% assédio moral, e 5% de agressões físicas. Ainda nesta pesquisa 84% dos professores relataram ter presenciado casos de violência em sala de aula. Sendo valioso informar que para 83% dos participantes da pesquisa de Noronha, as vítimas são os alunos, evidenciando essa condição de vulnerabilidade do jovem.

Na construção e formação da personalidade do indivíduo, existem algumas esferas que conversam para a obtenção de resultados, como a família, a sociedade e a escola (OLIVEIRA e SOUZA, 2014). Partindo desse pressuposto, até que ponto cada esfera desta colabora para o mau comportamento atual dos estudantes no Brasil?

Por conta de toda essa problemática da violência escolar. As tentativas de dar resposta a essa condição preocupante vão desde o senso comum, a linhas de pesquisas científicas que há décadas se debruçam a estudar como a violência tem tomado essa proporção, em alguns casos calamitosa, num lugar que deveria se dedicar apenas ao ensino-aprendizagem (OLIVEIRA e SOUZA, 2014).

Dessen e Polonia (2007), afirmam que a família é elemento fundamental no processo de desenvolvimento físico, intelectual e emocional do indivíduo, da mesma forma, ela tem o poder de inibir e influenciar negativamente o seu desenvolvimento. Córdula (2001), por exemplo, explica essa questão com a suposição de que, quando uma criança vem ao mundo, os seus primeiros contatos de relação social tendem a ser com a sua família. Todas as informações que passarem aos seus olhos e emoções, serão internalizados e exteriorizados, portanto, se ela vive num ambiente de paz, carinho, amor e compreensão, ela tende a ter atitudes positivas em suas relações, em mesmo nível, se ela vive num ambiente agressivo de desrespeito, suas atitudes vão ser correspondentes. Este pensamento, casa perfeitamente com a ideia, expressa pelo senso comum de que o homem é produto meio.

Uma das principais queixas apontadas por diversos professores, foi o fato de muitas famílias se constituírem como uma instituição violenta (MINAYO, 2003, p. 129), onde predomina a ausência e afetividade e o mínimo de diálogo. Se a violência for analisada somente pela interação entre família e sujeito, a família acaba por ficar como única e totalmente responsável por ações de violência e indisciplina que os alunos cometem no interior da escola. Isto, desde que seja o âmbito familiar o espaço onde os jovens mais convivem, relacionam-se e internalizam tudo de positivo e/ou negativo, e que a escola seja o espaço onde esses jovens tem a oportunidade de colocar em prática o que internalizam em casa.

De outro lado, a família também tende a jogar a culpa para a escola, que sofre com a falta de apoio da família.

A escola atual recebe dos pais a responsabilidade única pela formação de seus filhos; os pais não participam, nem desejam participar da vida do filho. E a indisciplina e a agressividade passam a ser formas de a criança e/ou o adolescente denunciar tal abandono. (FIAMENGLI;XIMENEZ, 2010, p. 32).

Qualquer pessoa razoável compreende que a escola sozinha não será capaz de resolver todos os problemas de seus alunos, demonstrando uma consciência de que o

apoio da família no processo de educação dos jovens é fundamental. Em busca de não obter prejuízos profissionais, alguns pais colocam seus filhos em escolas de tempo integral, incluindo como função da escola o papel de mostrar todo o caminho certo a se seguir na vida aos seus filhos (FIAMENGLI e GIMENEZ, 2010).

Quando a família se une à escola no papel de educar, é possível amenizar os problemas sofridos no ambiente escolar em relação à violência. Não se pretende dizer com isso dizer como a escola deve interferir na educação dada pelos pais ou responsáveis aos seus filhos, mas sobre o benefício que há em se trazer a família para próximo da escola (OLIVEIRA e SOUZA, 2014)

### **1.6 Consequências da violência no processo de ensino-aprendizagem**

Situações de violência na escola acompanhadas nos veículos de comunicação quase que invariavelmente vem relacionado ao fenômeno da indisciplina juvenil, reforçando a ideia de que ambas conferem grave ameaça à sociedade que precisa ser coibida (ROSA, 2010). O fato é que a violência enquanto fenômeno frequente em todos os domínios da vida social da população brasileira, atinge não só a vida, a integridade física e a moral de grande parte dos indivíduos, além de toda a divulgação e alarde pelos mais diferentes meios de imprensa, torna-se elemento de interesse não só pelo problema que constitui, mas sobremaneira pela banalização incitar a um entendimento naturalidade, ainda que se trate de uma situação extrema e não tolerável.

A violência escolar, como problema complexo que o é, exige a participação de diversos atores: professores, alunos, gestores, comunidade escolar, família e sociedade (ROSA, 2010). Os fatos que levam a violência preocupam, principalmente, quando as suas consequências chegam a prejudicar na aprendizagem do jovem.

Problemas de qualquer ordem com o jovem na escola, irão necessitar da participação mais próxima da família. Contudo, contudo o fato de muitos pais relegarem apenas à escola à escola o papel de educar seus filhos. A resolução de conflitos e superação de dificuldades fica ainda mais agravada quando se trata de estudantes da escola pública (ROSA, 2010). E qualquer investigação detalhada sobre o histórico escolar de estudantes envolvidos em conflito dentro do ambiente escolar poderá mostrar um rendimento na aprendizagem abaixo do esperado, refletindo num alto índice de notas baixas, repetência e evasão.

Tem algumas décadas atrás que o aluno que o aluno que tinha mal comportamento, ou cometia atos de violência, primeiramente era advertido de forma vergal. Em seguida, era advertido por escrito, e não havendo mudança no comportamento acabava sendo expulso da escola. Contudo hoje, houve mudança nas regras de punição dos alunos, para que se chegue em algo em nível de uma expulsão, é preciso que tudo esteja muito bem justificado por parte da escola, já que a transferência encaminhada de aluno só deve ocorrer após sucessivas advertências e tentativas, inclusive encaminhadas e respondidas pelos pais ou responsáveis, estando em último caso um convite a se retirar. Todavia, o afastamento de um jovem da escola a qual ele não se adaptou se constitui uma questão de bem-estar do próprio jovem.

### **1.7 A violência em território alagoano**

Na última década, compreendida, entre os anos de 2000 a 2011, no Brasil, situações envolvendo acidentes e violências alcançaram o patamar da terceira causa de óbito na população geral, ficando atrás apenas dos óbitos causados por doenças cardiovasculares e neoplasias (PIMENTA, 2007). Esses fenômenos sociais são os que mais têm chamado a atenção dos estudiosos e da sociedade.

Realizando uma análise a partir dos registros do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) indicou que, no período que vai de 1980 e 2011, as taxas de mortalidade geral em relação ao conjunto da população brasileira houve uma queda de até 3,5%; em todo caso, as mortes provenientes de causas externas houve um aumento na ordem de 28,5% (PIMENTA, 2007). Neste sentido, às violências, os homicídios se destacam, constituindo a primeira causa de morte entre as causas externas com um crescimento de 132,1% (CAMPOS et al, 2011).

O Estado de Alagoas e a sua capital Maceió, no período de 2001 a 2012, permaneceram com relativo destaque na mídia nacional e internacional, quando o tema central foi a violência letal. Com o Estado e sua população vivendo em um cenário de extrema crise na segurança pública, com a ocorrência desse tipo de violência: desde 2012, as taxas de homicídios vêm sendo comparadas às de países que vivenciam situações de conflito armado (ALVES et al, 2014).

Não muito distante, ainda no ano 2000, o Estado de Alagoas figurava entre as 17 unidades da Federação que apresentava as menores taxas de homicídios do país

aproximadamente 26 para cada 100 mil habitantes. No ano de 2002, o nível de violência no Estado aumentou de maneira súbita e assim, passou a ocupar a 9ª colocação no ranking nacional, com taxa de 34,3 por 100 mil habitantes. Ou seja, num período relativamente curto, de pouco mais de dez anos, assumiu a liderança nacional com uma taxa de 76,3 por 100 mil habitantes no ano de 2012, valor de 2,6 vezes superior à taxa nacional de mortalidade por homicídios (25,2 por 100 mil hab.) (PIMENTA, 2007). Em 2012, Maceió-AL apresentou taxas de mortalidade por homicídios de 90,0 por 100 mil habitantes, assumindo a liderança entre as capitais brasileiras.

**Tabela 1** - Número e distribuição proporcional (%) dos homicídios em Maceió, Alagoas, 2007 a 2012

Varáveis	N	%
<b>Sexo</b>	<b>5.735</b>	<b>100</b>
Feminino	5.439	94,8
Feminino	296	5,2
<b>Faixa etária (em anos)</b>		
0-14	115	2,0
15-29	3.798	66,2
30-59	1.690	29,5
60 e mais	132	2,3
<b>Raça/cor</b>		
Branca	144	2,5
Preta	30	0,5
Amarela	3	0,1
Parda	4.569	79,7
Indígena	—	—
Sem informação	989	17,2
<b>Estado civil</b>		
Solteiro	4.041	70,5
Casado	441	7,7
Viúvo	25	0,4
Separado	60	1,0
União estável	34	0,6
Sem informação	1.134	19,8
<b>Ocupação</b>		
Outros trabalhadores da conservação, manutenção e reparação	1.147	20,0
Ajudantes de obra	835	14,6
Técnicos de nível médio em operações comerciais	253	4,4
Trabalhadores da construção civil e obras públicas	229	4,0
Condutores de veículos e operadores de equipamentos de elevação e afins	139	2,4
Trabalhadores dos serviços de proteção e segurança	131	2,3
Gerentes de produções e operações	125	2,2
Trabalhadores dos serviços domésticos em geral	122	2,1
Outras ocupações	1.170	20,4
Sem informação	1.584	27,6
<b>Causa básica de morte</b>		
Agressão por meio de arma de fogo	5.036	87,8
Agressão por meio de enforcamento, estrangulamento e sufocação	48	0,8
Agressão por meio de objeto cortante ou penetrante	405	7,1
Agressão por meio de objeto contundente	207	3,6
Outras causas básicas de morte	39	0,7

Fonte: Alves et al., Violência letal em Maceió-AL, 2014.

Dentre os dados apontados na tabela acima, merece destaque em relação à faixa etária, onde entre os 15 e 29 anos tem o maior número de óbitos, totalizando 3.798, o que equivale a 66,2 para cada 100 mil habitantes. Dado que se torna extremamente crítico, pois esta compreende justamente a faixa etária de interesse do presente estudo. Uma vez que, compreende a idade esperada em que as pessoas poderiam estar no pleno desenvolvimento de suas atividades escolares e/ou profissionais.

Em todos os bairros da cidade de Maceió, a violência é lugar comum, desde os mais periféricos, aos mais elitizados e apresentam registros de ocorrência de homicídios. Contudo, alguns bairros se destacam pela alta concentração de homicídios. As taxas de mortalidade acumulada entre os bairros variam de 11,9 a 6.780,0 óbitos por 100 mil habitantes. Com isso, a mediana das taxas acumuladas foi de 567,9 óbitos, e a média, de 360,6 óbitos em estudo realizado por Alves (2014).

**Figura 1** - Distribuição das taxas de mortalidade acumuladas por bairro em Maceió, Alagoas, 2007 a 2012



Fonte: Alves et al., Violência letal em Maceió-AL, 2014.

A figura acima é de extremo valor para representar a relevância do presente estudo, uma vez que, fica bem identificado nas regiões da cidade apontada no mapa, cujas regiões com maior mortalidade acumulada ( $\geq 2.100,1$ ) estão localizadas na zona sul da cidade de Maceió, local onde realizou-se a coleta de dados deste estudo.

## **1.8 Contexto de violência no Brasil e América Latina**

Muitas das mortes ocorriam depois de um fim de semana normal em cidades como Caracas, Medellin ou São Paulo, ou até outras de menor visibilidade, foram maiores do que o que aconteceu no Kosovo durante a guerra; ou que são vítimas de retaliação interminável no Oriente Médio. A situação é nova e desafiadora para a sociologia da violência, essa principal causa de morte entre os jovens em idade produtiva, e formando uma nova população de viúvas entre 15 e 44 anos de idade (WHO, 1999). A cultura local, preponderantemente machista, impele os jovens do sexo masculino e de baixa renda desde tenra idade a desenvolver e simpatizar por atitudes rudes, e considerando o ideal de não levar desaforo pra casa.

Em pesquisa realizada na Colômbia, entre 1985 e 1994, o número total de viúvas dobrou, enquanto os viúvos aumentou apenas ligeiramente, como são viúvas de violência e os homens são as principais vítimas. E órfãos, que para 1985, foi estimado em 43 mil crianças, aumentou para 73.000 órfãos em 1994. (Rubio, 2000, p. 124-125). Em El Salvador, América Central, o governo e as guerrilhas com mediação internacional, que pôs fim a uma guerra civil sangrenta, contudo a taxa de homicídios passou de 72 para 139 homicídios por cem mil habitantes entre 1990 e 1995 (Cruz e Trigueros Gonzalez, 2000). Na América Latina, encontramos mais mortes na calma da paz nas tempestades da guerra.

Vale a pena ressaltar que a violência faz parte de todo o processo histórico da vida cotidiana ou mudança social na América Latina: a conquista do território foi um processo violento, a escravidão foi um processo de violência, a independência em muitos dos países perpassou por situações de violência extrema, processos violentos de apropriação de terras e a expropriação do excedente também ocorreram por toda parte do continente. Mas hoje nós falamos sobre, um processo exclusivo diferente, que se refere à delinquência e violência urbana. Certamente a violência política tem sido presente na região, a repressão militar das ditaduras do Cone Sul e na América Central;

lutas de guerrilha recentes no Peru, Colômbia e México; ações tradicionais dos "coronéis", os senhores da terra, nordeste do Brasil ou as ações dos paramilitares em Urabá, Colômbia, são uma prova irrefutável disso. Mas ao olhar para as taxas de homicídio destes países até o início dos anos oitenta e o que acontece depois, a situação não é comparável a gravidade que demonstrou, após o desaparecimento das ditaduras, as guerrilhas diminuíram suas ações, e foi decretado um novo ambiente de paz e democracia.

Em seguida surge uma violência diferente. A violência que poderia ser descrita como social, para expressar os conflitos sociais e econômicos; mas não a política, já que tem uma vocação de poder. Esta violência tem o seu campo privilegiado de ação em áreas rurais, mas nas cidades e, sobretudo, em áreas pobres, segregados e excluídos das grandes cidades, onde, por vezes, como pistoleiros no Brasil promovem práticas próprias do meio rural na vida urbana (Barreira, 1998). E tudo isto acontece desde a década de oitenta, e a partir do meio da "década perdida", quando, em todos os países ocorreu um aumento da violência. Os crimes violentos aumentaram tanto em países com taxas muito baixas de homicídio - como Costa Rica ou Argentina - como para os outros em que já se tinha índices muito elevado - como a Colômbia ou El Salvador.

Compreender essa realidade implica passear por vários aspectos e dimensões do problema e as transformações na situação social que vêm ocorrendo na América Latina. Pobreza e empobrecimento é uma característica muito importante do novo modo de violência urbana que acontece principalmente entre os pobres nas grandes cidades. A classe média e os setores abastados veem os pobres como uma ameaça, e sentem-se como possíveis vítimas de agressão e crimes. Mas isso é apenas parcialmente verdadeiro. E a classe média, é claro, sofreu o crime, mas sofrem essa violência e, em particular, de forma intensiva ou letal os próprios pobres acabam sendo vítimas e perpetradores neste processo (Briceño-León, Camardiel e Ávila, 1998).

É uma violência dos pobres contra pobres. Você pode ser tentado a obter, a partir dessa dura realidade, a conclusão de que a pobreza é a causa da violência. No entanto, não existe uma relação tão clara e aberta entre estas duas situações, como os países mais pobres da América Latina e seria Haiti, Bolívia ou Peru, não estão entre aqueles com maiores taxas de homicídio. O mesmo se aplica ao interior dos países, durante muito tempo a maior parte da violência no Brasil não estava nos estados nordestinos pobres e com sede, mas em estados ricos e cosmopolitas de São Paulo e Rio

de Janeiro (Zaluar, Noronha e Albuquerque, 1994 ) Doutro modo, quando a violência chegou a assolar os Estados Nordestinos, não foram as cidades mais desfavorecidas do Sertão, identificadas como cenários de violência, essa configuração se estabeleceu primeiramente em suas regiões metropolitanas. Na Venezuela, os homicídios ocorrem na área metropolitana de Caracas e os estados ricos de Carabobo e Aragua e não em instituições pobres, com as maiores necessidades básicas insatisfeitas, como Apure, Trujillo e Sucre (Briceño-León e Pérez Perdomo, 2000).

Nesta situação, propusemos uma hipótese alternativa: o empobrecimento e a desigualdade, com a pobreza não resultando na violência urbana que estamos testemunhando. Foi o empobrecimento que fez em 1998, 13 dos 18 países da região, o salário mínimo ser inferior ao de 1980 e que se somasse um número total superior a 220 milhões de pessoas pobres naquele ano (CEPAL, 2000).

## **2. A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS**

A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento sadio de nossas crianças, adolescentes e jovens, pois contribuem para a formação global do ser humano e da sociedade. A prevenção ao uso de drogas é uma atitude a ser adquirida desde a infância e promovida durante toda a vida. Assim, o papel da escola na prevenção é educar crianças, adolescentes e jovens a buscarem e desenvolverem sua identidade e subjetividade, promover e integrar a educação intelectual e emocional, incentivar a cidadania e a responsabilidade social, bem como garantir que eles incorporem hábitos saudáveis no seu cotidiano. (CARDOSO [et al] *apud* SANTOS, 1997, p. 11).

Nesse entendimento, fica notório que a escola tem um grande papel no trabalho preventivo e educativo, pois a sua função é contribuir para o pleno desenvolvimento do educando. Também é necessário buscar parcerias junto com a comunidade escolar, familiares e poder público na prevenção ao uso de drogas e para minimizar esse quadro caótico que vem afetando o ambiente escolar que é a violência nas escolas, salientando ainda, que todos nós somos responsáveis pela situação que aí está: seja porque fomos coniventes de alguma maneira (como não escolhendo adequadamente os nossos representantes), seja porque praticamos a velha política do faça o que mando e não faça o que faço.

O tema da violência escolar foi incluído no cenário nacional e internacional como um dos principais desafios a serem enfrentados no estabelecimento de uma cultura de paz. Esse tema é cercado por grandes dificuldades, em termos de desenvolvimento de conceitos e explicações sobre as origens e causas da violência praticada no ambiente escolar. Para entender essas dificuldades, é necessário prestar atenção ao fato de que a palavra "violência" tem vários significados. O termo incorpora uma ampla gama de significados que se definiram em termos históricos e culturais (Chesnais, 1981; Dupâquier, 1999), que também cobrem uma definição geral e inclui muitas situações, que vão desde crimes contra a propriedade e ataques mesquinhos, para situações que representam risco para a vida. Essas são as realidades e manifestações das diversas e diferentes formas de violência.

Apesar da complexidade dos termos e conceituais, uma série de dificuldades que os rodeiam, entretanto, há um ponto de consenso básico. Este ponto é que todo e qualquer ato de agressão física, moral ou institucional dirigido contra a integridade de um ou mais indivíduos ou grupos, é considerado como um ato de violência (Abramovay e Rua, 2002).

A partir deste consenso, a literatura voltando-se especificamente para a questão da violência escolar foi formulada, ao longo dos anos, a partir de diferentes pontos de vista e diferentes focos de interesse. Destaque Charlot (apud Abramovay e Rua, 2002) que a definição de violência na escola é um fenômeno heterogêneo que rompe a estrutura das representações básicas do valor social: infância (inocência) ea escola (um refúgio pacífico), bem como a si mesmo (um elemento pacífico em uma democracia social). Além disso, de acordo com Charlot (idem, ibid), a violência praticada no universo escolar deve ser vista de maneira bem específica, para que eles sejam compreendidos e explicados. Esta hierarquia baseia-se na natureza dos atos em questão. Há atos associados ao que é chamado de violência (roubo, violência sexual, lesão física, crime, entre outros), e não são atos de violência institucional e simbólica (violência nas relações de poder).

Em certa medida, a hierarquia proposta pelo autor acima mencionado permite que o fenômeno da violência escolar seja entendida de forma ampla e diversificada. A violência é entendida como parte das ações que resultam de uma ruptura (intimidação, insultos e ofensas menores contra objetos e contra a propriedade, entre outros) o

diálogo. A violência também é entendida como as violências (no plural) são praticadas por aquilo que Bourdieu (2001) chama de "poder oculto" ou violência simbólica.

A idéia de incivilidade como diretriz para analisar a violência escolar tem enormes repercussões, especialmente em estudos da França (Peralva, 1997). Entre esses estudos, alguns autores, como Dupâquier (1999) e Fukui (1992) chamam a atenção para a necessidade de reconhecer a violência como agressão (demonstrações de incivilidade). Enquanto isso, deve notar-se que nem todos os actos agressivos são manifestações inerentemente violentos, e que nem todos os actos agressivos são baseadas no desejo de destruir alguém.

Para Debarbieux (1998), incivilidades são violências anti sociais e anti educativas. O mais traumático que são e quanto mais eles são silenciados e transformadas em acontecimentos banais com o objetivo de proteger a escola, mais violentos os tornam, muitas vezes, uma forma de violência simbólica (Abramovay e Rua, 2002). Estudos (Debarbieux, 2002; Blaya, 2002) alertam sobre as interações escolares, o que pode causar interpretações e explicações de violência evolucionista. Entre eles, o uso predominante de termos padrão para indicar comportamentos vistos como "selvagens" ou "civilizados". Que o uso da linguagem razão substituindo o termo é sugerido.

A necessidade de estabelecer limites entre conceitos como violência e agressão está se tornando um assunto de extrema importância. Desde os anos 90, vários estudos têm sido muito promissores e têm produzido bons resultados na busca não só para a compreensão do fenômeno da violência em seu sentido mais amplo, mas também na tentativa de compreender o cotidiano da vida escolar. Esta busca inclui olhar para a escola como um todo, no contexto das inúmeras formas de interações que ocorrem, tanto positivos quanto negativos. A este respeito, é importante permanecer alerta em relação às diferenças entre as realidades escolares, levando em conta os códigos e padrões estabelecidos por cada sociedade. Por exemplo, vários estudos conduzidos na Europa, Canadá e Brasil (Debarbieux, 2002; Blaya, 2002; Ortega, 2002; Royer, 2002; Abramovay e Rua, 2002; Abramovay et al, 2002, etc.), demonstram que, no ambiente escolar, há uma exposição de uma diversidade de pontos de vista. Esse fato contribui muito significativamente para tornar compreensível o fenômeno da violência.

Estudos feitos na Inglaterra (Hayden, 2001; Blaya, 2001) apontam para a dificuldade de formular um conceito de violência escolar, na medida em que não é habitual usar a palavra violência para se qualificar atos específicos praticados pelos professores contra os alunos, ou estes contra aqueles. Isso é verdade, porque essa violência tem conotações emocionais (Abramovay e Rua, 2002). Usando termos como "agressão", "comportamento agressivo", "assédio moral" (assédio moral) ou "insubordinação" seria mais adequado ao lidar com certas situações que ocorrem no cotidiano escolar.

Na Espanha, como demonstrou Ortega (2002), há uma espécie de desconforto moral com relação a qualificar como a violência escolar se faz presente. Considerando violência, principalmente, a conduta praticada contra os jovens e contra as crianças. Nos Estados Unidos, a ênfase é geralmente fora da escola, com foco em gangues (Hagedorn, 1997). Em casos como os descritos, os termos usados são "delinqüência juvenil", "conduta imprópria" e "comportamento anti-social" (Flannery, 1997).

No Brasil, a partir de meados dos anos 90, como pode ser observado na literatura tendem a um certo grau de consenso no sentido de considerar a violência como qualquer demonstração de agressividade contra propriedade ou contra pessoas: alunos, professores, instalações escolares, funcionários da escola, entre outros (Fukui, 1992; Sposito, 1994; Guimarães, 1996; Candau, Lucinda & Nascimento, 1999; Minayo, 1999).

Em termos de encontrar explicações para as causas da violência escolar, a literatura associa os atos de violência a fatores externos e / ou internos. Em resumo, pode-se dizer que os fatores externos (exógenos) referem-se a explicações de natureza socioeconômica. Entre eles, há a intensificação da exclusão e falta de pontos de referência entre os próprios jovens racial e de gênero social. Outros fatores externos são o crescimento de grupos e gangues, assim como o tráfico de drogas e o colapso da estrutura familiar. A falta ou perda de espaço para a socialização são apresentados como fatores adicionais (Candau, Lucinda & Nascimento, 1999; Guimarães, 1998; Belintane, 1998; Artz, 1998; Peignard, 1998; Payet, 1997; Zinnecker, 1998). Estes fatores, embora não sejam condições, pode ser encontrada nos argumentos propostos para muitos casos de violência praticada nas escolas. A partir desta perspectiva, a escola é

vista como vítima de situações que estão além de seu controle. A escola torna-se um objeto de atos violentos.

Em termos de variáveis internas (endógenas), a literatura enfatiza fatores, tais como sistemas de regras e regulamentos, bem como os projetos político-pedagógicos (Hayden e Blaya, 2001; Ramogino et al, 1997). Esses fatores incluem também um colapso nos acordos sobre a coexistência interna, além de falta de respeito por parte dos professores em relação aos alunos, e entre estes e aqueles. Outros fatores citados são a baixa qualidade do ensino e a falta de recursos (Sposito, 1998; Feldman, 1998; Blaya, 2002).

Tais variáveis são parte de um conjunto de ações, dificuldades e tensões com experiência no cotidiano escolar. As razões para os problemas encontrados no estabelecimento de relações entre os alunos, a escola e a comunidade podem ser explicitamente localizadas nessas variáveis. Em conclusão, é importante notar que o tema "Violência nas Escolas" inclui uma variedade de pontos de vista, de percepções e modelos de análise. Como Debarbieux (2002) e Watts (1998) apontam, é importante continuar os estudos interdisciplinares e transnacionais, de modo que eles podem ser comparados completamente em diferentes experiências. Esses estudos permitirão a descoberta de fatores comuns que incentivem uma compreensão mais abrangente do fenômeno. Entretanto, não há consenso sobre a ideia de que não só a escola, mas as próprias escolas estão passando por transformações em termos de identidade, papel e função social. Fazer uso de pesquisas que tratam do universo escolar para alinhar pontos ao que diz respeito aos jovens, violência e exclusão social, pode representar uma contribuição importante para a construção de alternativas para combater a violência.

## **2.1 O debate em torno da masculinidade no ambiente escolar**

Antes de iniciar a discussão propriamente dita sobre masculinidade, cabe tecer alguns comentários sobre a violência contra a mulher, o que vem a ser exatamente o resultado, o fruto dessa construção social. Nos últimos anos, as primeiras páginas dos jornais, as ondas de rádio e noticiários de televisão muitas vezes iniciam com notícias chocantes sobre a violência diária contra as mulheres. Entre as notícias mais comuns

estão, histórias de abuso, assédio e assassinato de mulheres aparecem juntamente a outras histórias em que se relatam sobre os sucessos e os fracassos deste ou daquele político de acidentes de trânsito, governos corruptos, desastres naturais, eventos esportivos e até de casos de amor escandalosos de pessoas famosas. A violência contra as mulheres é um dos temas por excelência do show informativo e, ao mesmo tempo, a ponta do iceberg de injustiça e desigualdade em viver ainda hoje, e neste século que apenas começou, atinge tantas mulheres no mundo.

Essa temática precisa ser abordada de forma contextualizada em sala de aula, pois, violência contra as mulheres não é assunto novo. Os maus-tratos de crianças e mulheres é um comportamento secular, que tem por muito tempo sido toleradas em nome de uma ordem natural das coisas, como se tivessem concedido aos homens poder ilimitado sobre as mulheres e considerado o desprezo e violência contra meninas e à esposa. Só agora, nas últimas décadas, a violência começa a ocupar os espaços de comunicação e debate público e ser visível através do trabalho de feministas, com sua crítica da opressão masculina, e ressaltando o valor de muitas mulheres eles se recusam a submeter ao abuso e medo (GROSSI et al, 2006).

Como Elizabeth Badinter (1992) observa sobre a identidade masculina: a) nenhuma masculinidade, o que implica que não existe um modelo universal masculino e válido para qualquer local, idade, classe social, idade, raça, orientação sexual, mas uma diversidade heterogênea das identidades masculinas e modos de ser homem de nossas sociedades; b) a versão dominante da identidade masculina não é uma substância, mas uma ideologia de poder e opressão das mulheres que tende a justificar a dominação masculina, e c) identidade masculina, em todas as suas versões, é aprendido e, portanto, também você pode mudar.

Portanto, é importante oportunizar essas abordagens com os jovens no ambiente escolar, de modo que se possa começar a formar uma consciência de que a violência masculina não é o efeito inevitável de uma ordem natural de coisas, mas o efeito social de uma série de ideias e práticas que são incorporados na vida dos indivíduos e das sociedades e que dão a maioria dos homens todos os tipos de privilégios e benefícios materiais e simbólicos. Em outras palavras, uma herança patriarcal da dominação masculina não é o efeito natural das diferenças sexuais entre homens e mulheres, mas o efeito cultural de uma certa maneira de entender e construir

ao longo do tempo relações entre homens e mulheres em um nível pessoal e de domínio público que é baseada em uma suposta natureza superior de homens. A ordem masculina, por isso, permeia o inconsciente coletivo e a organização de uma série de empresas, tanto ético e cultural e esquemas estruturais simbólicos, tornando-se não só a única ordem natural, legítimo e razoável, mas também em uma ordem neutra e objetiva a serviço da sociedade (GROSSI et al, 2006).

Em um mundo como o de hoje, em que a tecnologia da informação e comunicação têm transformado tão completamente a vida das pessoas na rede de sociedades, algo continua quase inabalável: a injustiça ea desigualdade entre homens e mulheres, e o efeito mais obscuro e visível é a opressão, desprezo e violência ao qual toda a população está vulnerável.

## **2.2 O docente e as relações de poder como elemento de violências**

Estudos sobre violência escolar são numerosos. Em sua grande maioria tem sido abordado a partir de fora do ambiente escolar, utilizando atores de forma pouco aprofundada e uma abordagem predominantemente quantitativa, embora seja relevante fornecer dados estatísticos e informações, nem sempre é tarefa fácil conseguir envolver os olhos dos atores como parte do enfoque da pesquisa.

É comum dizer que as relações interpessoais estabelecidas entre os professores têm pouca ou nenhuma influência sobre o ambiente institucional e às relações que se estabelecem entre eles não tem que afetar a vida escolar. No entanto, o professor assume posturas na vida cotidiana ou na frente dos colegas, expressando a dificuldade de aceitar a diferença e as diferentes motivações que o animam influência de forma poderosa nos caminhos que enfrentam a violência dentro dessas instituições. As relações entre colegas e entre estes e a direção podem afetar o clima geral da instituição e são o componente de motivação ou desmotivação no trabalho e desconforto (Esteve, 1994).

Observar o professor em seu espaço significa tentar identificar representações sociais de saber o que faz o seu trabalho, o que fazem seus companheiros de trabalho e a relação que se estabelece com eles e a quem deve prestar contas. Relações interpessoais estabelecidas entre professores e entre estes e os líderes, pode ter um sentido positivo ou negativo para o clima institucional, tendo a motivação e o desempenho em seus

resultados. Neste sentido, Denise Jodelet (1986) explica que conceito de representação social designa uma forma de conhecimento específico, o conhecimento do senso comum, o conteúdo do que mostram a operação caracterizada processos socialmente generativas e funcionais. Assim, representações sociais constituem modos de pensamento prático. A caracterização social do conteúdo ou processos de representação deve referir-se as condições e os contextos em que surgem representações, comunicações através de circulação e as funções que eles servem na interação com o mundo e os outros.

Castorina (2003) explica ainda que é possível qualificar que representações sociais não são tanto individual ou em grupo suporta o fato de que eles são desenvolvidos durante trocas comunicativas e de interação em instituições. Além disso, representações sociais buscam explicar e transformar as práticas, uma vez que o indivíduo procura uma justificativa, ou uma explicação para a sua prática (ABRIC, 2001).

Estas representações constituem, simultaneamente, o ponto de referência que justifica e orienta suas ações. A partir desta perspectiva, a teoria das representações sociais fornece o olhar na violência vista como realidade psicossocial e fornece ferramentas para a compreensão (Jodelet, 1986).

Nas últimas décadas, as mudanças que viveram o cargo de professor nos permitem dizer que nunca antes tinha enfrentado tantas mudanças, alguns direitos sociais e culturais e, portanto, externa aos sistemas de ensino si. Inclusive fazendo referência às mudanças nas estruturas familiares com a multiplicação de maneiras em que esta é apresentada; às exigências da sociedade em relação a uma formação cada vez mais extensa; para acelerar a produção de conhecimento, organização social e o exercício da cidadania; às mudanças nas estruturas de produção e mercado de trabalho; globalização, com suas várias manifestações de diversidade e pluralismo cultural (TORRES,2006).

Estando impulsionado por redes de informação e comunicações, pela forma como a informação circula rapidamente em todo um fluxo, as mudanças vão de encontro a um mundo onde as barreiras são cada vez mais voláteis, existem novas formas de pensar, falar, agir, decidir e relacionar e todos esses fenômenos influenciam

decisivamente nos sistemas educacionais, no exercício do magistério e representam desafios (Torres, 2006).

Nos sistemas de ensino, as alterações não são menores: cada vez mais heterogêneos, diversos alunos em suas línguas, culturas e possibilidades, sofrem influências de outros atores sociais e agências de socialização, sendo constante incorporação de novos professores, com diferentes formações a que se exigia anteriormente e cobrindo possíveis deficiências, novas formas de regulação dos sistemas de ensino tem sido implantadas através do processo de acreditação e a promoção de novas formas de financiamento da educação.

Estas alterações tornam o trabalho do professor constitutivamente uma atividade de reconhecimento complexo e pouco. As instituições educacionais estão em crise porque o seu desenvolvimento já não acompanha o desenvolvimento das novas tecnologias, e muito menos a quantidade de informações a que seus jovens estão submetidos diariamente, tornando a tarefa de questionar verdades algo complicado. Embora os processos de globalização (TORRES, 2006) tenham deixado enormes desastres nos aspectos econômicos, ambientais e humanos, também permitiu tornar visível a colonização e traços de racismo sobre cultura oficialmente aceita pela sociedade e mostrou verdades que circulam nas instituições de ensino, especialmente no tocante a formas autoritárias em que as relações pedagógicas foram construídas.

Além disso, há dificuldade em compreender o significado da atual escola e os professores se sentem confusos sobre sua finalidade. relações interpessoais não são duradouras; são substituídas por relações efêmeras e compromisso com projetos sociais é algo ainda escasso na cultura das instituições (TORRES, 2006). Desta feita, a formação de professores para lidar com a violência é deficiente, a sobrecarga de responsabilidades e contradições em relação à sua vida e seus próprios conflitos são um reflexo dessas contradições (Chagas, 2005).

## **PARTE II – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA**

### **1. ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Trata-se de um estudo de natureza quantitativa descritiva e de natureza quantitativa. Esse tipo de estudo, visa descrever uma realidade. Sendo muito frequente na área de saúde, quando o autor tem por escolha relatar um caso de evolução incomum, também empregado nas áreas de gestão e administração, buscando mostrar experiências, não necessitando que estas sejam positivas. Uma outra forma se daria pelo estudo de incidências, por meio da tabulação de novos casos ocorridos em uma região num dado período (ARAGÃO, 2011).

Para os autores, os estudos descritivos também são importantes para dar conhecimento aos profissionais de uma determinada área ou setor sobre dados demográficos como: taxa de natalidade ou mortes por violência numa certa cidade ou bairro. Embora esse tipo de estudo possa ser considerado menor em determinados compêndios científicos, esses estudos funcionam como excelentes ferramentas de gestão em sistemas de saúde, ou educação ou segurança pública, a depender da área a que se destina.

#### **1.1 Local de estudo**

O estudo foi desenvolvido em escolas da Rede Pública e Particular de Ensino localizada na Zona Sul de Maceió-AL.

No presente estudo foram acessadas um número de 06 escolas, que atendem alunos de Ensino Fundamental e Médio, sendo destas 03 da Rede Pública de Ensino, e 03 delas da Rede Privada de Ensino. Na Rede Pública as escolas estavam sob a gestão Estadual, e foram os de Aurelina Palmeira, Guiomar de Almeida Peixoto e Dr. Rodrigues de Melo. Na Rede Privada, foram, Colégio Carvalho, Colégio Maria José de Omena e Colégio Santa Tereza.

#### **1.2 População e Amostra**

Professores de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública e Privada de Ensino de Maceió-AL. Foram acessados através desta pesquisa, uma totalidade de 800 alunos, 400 da rede pública de ensino, e outros 400 da rede particular ou privada de ensino e 200 professores, 100 da rede pública e outros 100 da rede particular.

### **1.3 Instrumento de colheita de dados**

Nesse estudo aplicamos dois questionários, por nós produzido, um destinado aos docentes e outro destinado aos estudantes. No questionário dedicado aos docentes havia perguntas objetivas e discursivas. Enquanto no questionário dedicado aos estudantes havia apenas questionamentos objetivos.

### **1.4 Procedimentos**

Foi solicitada autorização aos serviços de ensino, mediante assinatura do termo de autorização da direção da Unidade de Ensino sobre a realização da pesquisa, sendo elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Asseguramos total sigilo da identidade dos usuários participantes da pesquisa, bem como apresentação dos resultados. E devemos mencionar que os nomes atribuídos aos participantes do estudo no corpo desde trabalho são nomes fictícios.

Tendo as autorizações concedidas, comparecemos às escolas e nos apresentamos à equipe profissional. Obtivemos as informações para fazer os contatos com todo o corpo docente, e definimos um cronograma para a realização dessa cobertura.

## **2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **1.1 Caracterização da pesquisa**

Na tabela abaixo, nota-se que independente do tipo de instituição verifica-se predomínio de mulheres participantes do estudo, sendo 71,2% na escola pública e 58,% na escola particular, o que aponta tanto sobre o padrão demográfico brasileiro, com maior número de mulheres na população, como também deduz sobre a quantidade de anos de estudo que conseguem ter homens e mulheres neste país. Uma vez que os jovens do sexo masculino, tendem a abandonar os estudos para adentrar ao mercado de trabalho.

A faixa etária, dos participantes da pesquisa teem maior concentração na faixa erária entre os 15-18 anos (65.5%) .

A mesma faixa etária dos 15-18 anos na escola pública tiveram a maior concentração, representando 37,6%, alertando mais uma vez para a situação dos jovens e sua vulnerabilidade ao abandono escolar e repetência com a idade fora da faixa de

ensino esperada. E confirmando essa hipótese a presença somente na escola pública de estudantes na faixa dos 19-22 anos (1.8%), mesmo em percentual baixo, merece destaque.

Realizando uma abordagem os números dos estudantes pesquisados na rede pública, foram 285 (71,2%) do sexo feminino e 115 (28,0%) do sexo masculino.

Os estudantes da rede particular de ensino, foram 232 (58%) pertencentes ao sexo feminino e 168 (42%) pertencentes ao sexo masculino. A faixa etária predominante é dos 15 aos 18 anos de idade.

**Tabela 2** – Caracterização dos estudantes acessados na rede pública e particular através da pesquisa

Sexo	Rede Pública				Rede Particular				Total	
	feminino		masculino		feminino		masculino		Nº	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
	285	71,2	115	28,0	232	58,0	168	42,0	800	100
Faixa etária										
11-14	60	0.75	24	0.3	105	13.1	72	0.9	261	32.6
15-18	220	27.5	81	10.1	127	15.8	96	12.0	524	65.5
19-22	05	0.6	10	1.2	----		----		15	1.8

Os professores envolvidos na pesquisa, pertencentes à Rede Pública e Particular foi de 100 profissionais em cada, sendo 65% do sexo feminino e 35% do sexo masculino na rede Pública e 45% e 55% na rede Particular.

A idade destes professores varia entre os 20 e 60 anos, havendo uma predominância de professores da faixa etária dos 31-40 anos de idade.

Do total de professores, 78% foram admitidos através de concurso público, possuindo estabilidade vínculo efetivo nesta rede de ensino. Os outros 22% professores que aceitaram participar desta pesquisa desenvolvem suas atividades junto às instituições referidas sob o regime de contrato, sendo comumente nominados como monitores. Alguns desses professores são estudantes de licenciatura e/ou bacharelado, outros possuem curso superior concluído, licenciatura ou bacharelado.

Esta situação se deve ao fato de os processos seletivos para monitores terem permitido a aprovação sem o curso de licenciatura, desde que esses mesmos tivessem

cursado ou estivessem cursando áreas de interesse para a disciplina para a qual estava concorrendo para a vaga.

Na Rede Particular de Ensino foram envolvidos 100 professores. A faixa etária destes profissionais, varia entre os 20 e 60 anos, com predomínio da faixa etária dos 31-40 anos de idade. Nesta escola, todos os professores atuam sob o regime de contrato com carteira assinada, seguindo a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

**Tabela 3** - Caracterização dos professores acessados na rede pública e particular através da pesquisa

Sexo	Rede Pública				Rede Particular				Total	
	feminino		masculino		feminino		masculino		Nº	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
	65	65%	35	35%	45	45%	55	55%	100	100
<b>Faixa etária</b>										
20-30	6	6%	10	10%	8	8%	4	4%	28	28
31-40	35	35%	25	25%	30	30%	12	12%	102	102
41-50	14	14%	10	10%	25	25%	18	18%	67	67
51-60	-	-	-	-	2		1	1%	3	1
<b>Regime de contrato</b>										
efetivo	33	33%	45	45%					100	100
contrato	14	14%	8	8%	35	35%	65	65%	100	100

## 2.2 Sobre as variáveis respondidas pelos alunos

Sobre a tabela a seguir, onde se desenha o tipo de violência sofrida. A forte predominância da violência verbal em ambos os modelos de instituições e em ambos os sexos e que se somadas em cada tipo de instituição perfazem um total superior a 75% das situações auto percebidas como prática de violência. Se por um lado o fato dos jovens apontarem esse tipo de agressão como uma violência sentida, em mesma medida, indica uma banalização desse tipo de prática dada a porcentagem elevada. Vale destacar um tipo de prática muito comum entre os jovens, especialmente no ambiente escolar, atualmente amplificado pelo uso das redes sociais e dos aplicativos de comunicação instantânea, que se trata da prática de bullying e cyber bullying.

Contudo, ainda merece destaque tanto a existência expressiva da violência física dentro do espaço escolar, sendo de 46,7% na pública e 27,5% na privada, tipo de atitude que não se deve admitir sob qualquer justificativa em espaços de convivência entre pessoas civilizadas, especialmente, em espaços de ensino aprendizagem onde se pretende formar jovens. De destacar ainda que 21.6% do total dos estudantes referem ter vivenciando violência psicológica. Vale ressaltar que neste quesito os estudantes ficaram livres para marcar uma ou mais de uma entre as alternativas do questionário. Assim, o percentual deverá ser considerado em relação isoladamente em relação a cada item.

**Tabela 4** – Distribuição dos estudantes de escola pública e particular por sexo quanto ao tipo de violência sofrida no ambiente escolar

Escola sexo Tipo de violência	Publica				Privada				Total	
	MASC		FEM		MASC		FEM		Nº	%
	N	%	N	%	N	%	N	%		
FÍSICA	58	14,5	93	23,2	62	15,5	48	12	261	32.6
VERBAL	137	34,25	167	41,7	153	38,25	143	35,75	600	75.0
PSICOLÓGICA	45	11,25	68	17	35	8,75	25	6,25	173	21.6
OUTRO TIPO	05	1,25	06	1,5	00	0	01	0,25	12	1.5
INEXISTE	07	1,75	05	1,7	01	0,25	04	1.0	17	2.1

Sobre a Tabela 5 e a frequência com que se sofre algum tipo de violência no espaço escolar, parece ser contraditório ao tempo que muitos estudantes dizem sofrer violência de diversos tipos, e principalmente a verbal, entretanto, nesta situação apontam em sua maioria não ter sofrido nunca algum tipo de violência na escola, na pública 57,7% e na particular 52.9%. A partir disso, duas visões podem ser compreendidas. Ou os alunos entenderam na pergunta anterior que não seriam eles o alvo das agressões e informaram que presenciaram os tais tipos de violência. Ou não se conseguem ver como vítimas ou potenciais vítimas de violência, ou até mesmo pode representar uma situação vergonhosa assumir-se como vítima. Especialmente as

mulheres, que neste sentido apresentaram porcentagem maior que os homens 34,2% para as de escola pública e 31,7% para as de escola particular. O sumatório de estudantes que em algum momento sofreu violência, nas duas escolas é de 11.4%.

**Tabela 5** – Distribuição dos estudantes de escola pública e particular por sexo quanto à frequência com que sofrem violência na escola

TIPO DE ESCOLA	PÚBLICA				PARTICULAR				Total	
	MASC		FEM		MASC		FEM			
Sexo Frequência da violência	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
SEMPRE	03	0,75	03	0,75	-	-	01	0,25	7	1,7
QUASE SEMPRE	08	2,0	04	1,0	17	4,25	10	2,5	39	9,7
RARAMENTE	64	16,0	43	10,75	94	23,5	60	15,0	261	65,2
NUNCA	90	22,5	137	34,2	85	21,2	127	31,7	439	109,6

Sobre a Tabela 6, e a ajuda em situações de violência torna-se preocupante o fato de 39,2% e 28% dos estudantes da escola pública e particular respectivamente informarem que ninguém o ajudou nestas situações, ressaltando a falta de apoio que sofre esse jovem estudante da escola pública brasileiro, podendo este fator, ser mais um preponderante para o baixo desempenho escolar e a conseqüente repetência, assim como para o abandono escolar. De desatacar que 12,4% e 11,7% dos estudantes foram ajudados por outro aluno.

Já na escola particular, a maior porcentagem apresentada foi sobre a circunstância de nunca ter sofrido qualquer tipo de violência no ambiente escolar (46,5%), o que concorda com o dado apresentado na tabela anterior, onde a maioria também aponta que raramente ou nunca sofreu violência, contudo, entra em choque com os tipos de violência, amplamente distribuídos em ambos os sexos e tipos de escola.

**Tabela 6** - Distribuição dos estudantes de escola pública e particular por sexo quanto à quem oferece ajuda em situações de violência.

TIPO DE ESCOLA	PÚBLICA				PARTICULAR				Total	
	MASC		FEM		MASC		FEM			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
PROFESSOR	06	1.5	23	5.7	14	3.5	12	3.0	43	13.7
COORDENADOR	07	1.7	04	1.0	19	4.7	14	3.5	30	10.9
DIRETOR	09	2.2	09	2.2	10	2.5	05	1.2	33	8.1
OUTRO PROFISSIONAL	06	1.5	02	0.5	02	0.5	04	1.0	14	3.5
ALUNO	35	8.7	23	3.7	36	9.0	15	2.7	69	24.1
NINGUÉM	82	20.5	75	18.7	46	11.5	66	16.5	269	56.8
NUNCA SOFREU	32	8.0	73	18.2	75	18.7	111	27.7	291	72.6

Vale a pena ressaltar o resultado apresentado nas 03 últimas tabelas onde houve além de um detalhamento por tipo de escola, essa especificação das percepções por sexo enquanto na escola pública as mulheres relatam ter sofrido um maior número e tipos de violência, na escola particular onde há um controle mais rígido e próximo dos estudantes, com a realização de atividades de controle e combate a violência e incentivo à cultura de paz, não se apresentam as mesmas proporções.

Por outro lado, quando se trata de se identificar com vítima propriamente dita de violência ocorre esta negação nas duas tabelas seguintes, tabela 4, relatando que raramente ou nunca sofreu violência, e tabela 5, relatando que nos casos onde se sofre violência não obtém ajuda, ou nunca sofreu esse tipo de violência no ambiente escolar.

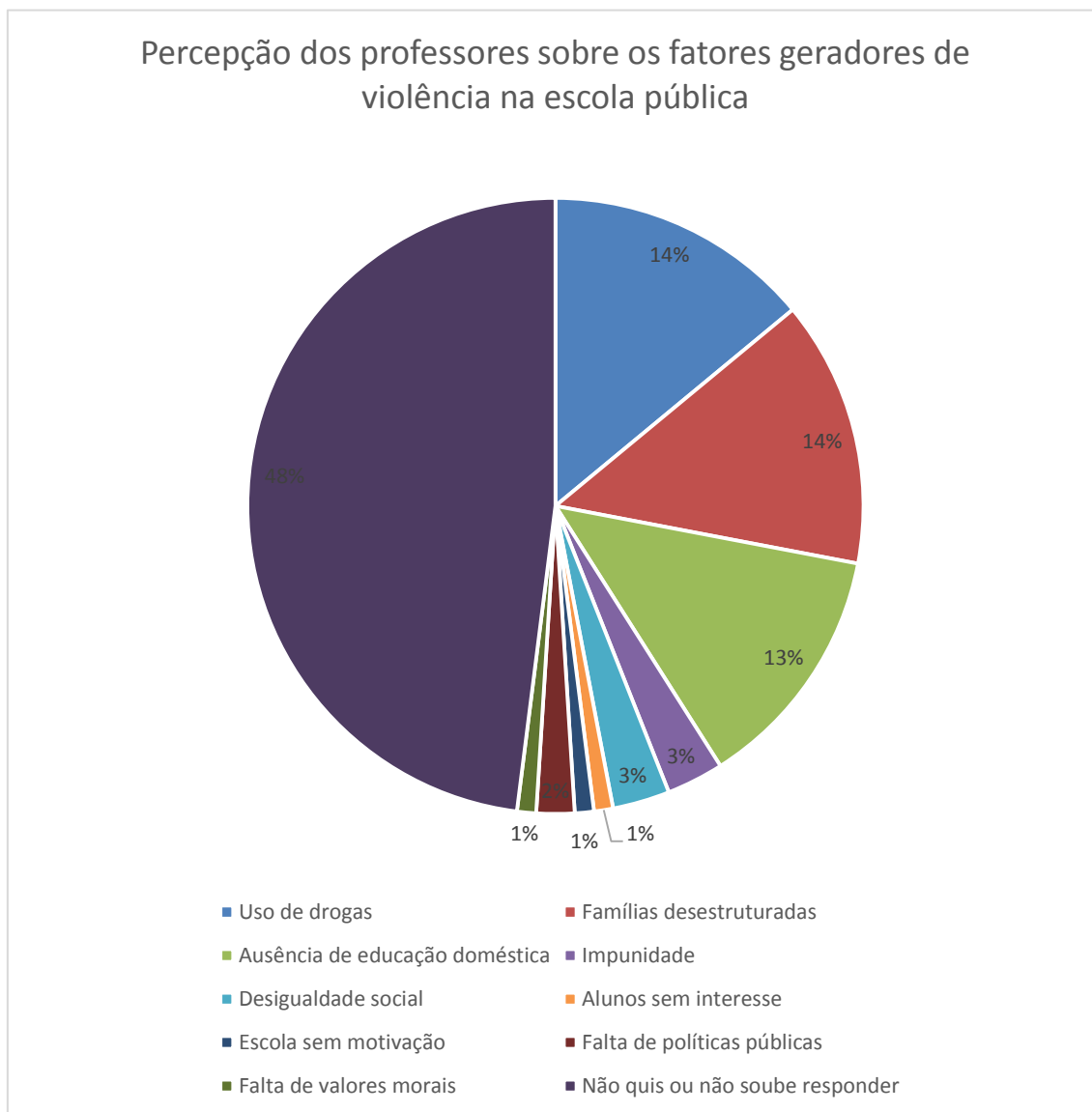
### 2.3 Sobre as variáveis obtidas a partir das respostas dos professores

Do presente estudo, emergiram os resultados da análise e codificação do teor das perguntas abertas do questionário, tendo os dados a seguir apresentados e que traduzem os significados e sentimentos expressos pelas mesmas, sendo agrupados em categorias, subcategorias e unidades de registros.

Quando questionados os professores da rede pública sobre qual o principal fator que gera a violência na escola, os fatores mais relatados foram: Uso de drogas com

14%, as famílias desestruturadas com 14% e a falta de educação doméstica com 13%. O acompanhamento e desgaste familiar, a ausência dos pais, a Impunidade e desigualdade social, a falta de valores e a falta de políticas públicas revelam valores sem significado.

**Gráfico 1** – Percepção dos professores sobre os fatores geradores de violência na escola pública.



Hoje encontramos alunos desmotivados, indisciplinados e violentos, e este fator só vem a confirmar que a família não está desempenhando seu papel de educar. Segundo Kaloustian (2008) a família é compreendida como o principal responsável pela alimentação e pela proteção da criança, da infância e adolescência. A iniciação das

crianças a cultura, nos valores e nas normas de sua sociedade começa na família. Para um desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança deve crescer num ambiente familiar, numa atmosfera de felicidade, amor e compreensão.

A participação da família ou a falta dela, tem maior peso para a apresentação de comportamentos violentos pelos jovens na escola. A família tem perdido sua característica por diversos fatores, entre elas estão a emancipação feminina, a separação dos pais e até mesmo a falta de preparo dos mesmos, contribuindo assim para a chamada desestruturação familiar, o que influencia de forma direta nos significados de educação e respeito dos jovens. É importante salientar, ainda que o *neoliberalismo*<sup>1</sup> incita o desenvolvimento de situações extremamente perversas em que, segundo o autor:

Os pais que trabalham sentem-se por exemplo, culpados por não dedicarem o tempo julgado necessário para educar seus filhos. A decorrência é que, nos poucos momentos de convívio, eles acabam se mostrando incapazes de colocar limites a sua prole. Isso quando se trata de famílias de classe média, se é que ainda elas existem, em vista da situação de achatamento salarial a que foram submetidas nas últimas décadas. Quanto aos pais das camadas populares a situação é mais preocupante. Nos poucos momentos em que eles poderiam se dedicar ao convívio com seus filhos, são obrigados a desempenharem outras atividades profissionais (os famosos bicos), com a intenção de garantir, ao menos, a sobrevivência física de seus rebentos. (SILVA, 2010, PÁG.158)

Alguns profissionais da educação dirão que a história não é bem esta ou que ela é parcialmente correta. Provavelmente, eles estarão (com certa razão) se referindo ao caso de pais que, nestes poucos momentos de convivência, acabam ficando nos bares embebedando-se, o que resulta, quase sempre, na prática de atos de violência, como brigas com os colegas, espancamento da mulher e dos filhos.

Contudo, generalizar tais casos para explicar a situação em que as famílias das camadas populares se encontram é assumir atitude pouco acadêmica e preconceituosa. Além disso, não se pode esquecer que a criança fica mais de doze horas sob o controle da babá eletrônica, a televisão. Diante disso, perguntamos quem realmente está contribuindo para o aumento dos índices de violência nas escolas?

O autor Silva (2010, p. 157), não culpa somente a família por esse caos que

---

<sup>1</sup> Políticas que defendem a mínima intervenção do Estado na economia, com o argumento de que isso levaria ao desenvolvimento social mais avançado.

atinge o ambiente social e escolar, propiciando tais atitudes violentas dentro do ambiente escolar, o mesmo autor reporta transferindo também essa culpa para os trabalhadores da educação. De uns tempos para cá, os referidos profissionais estão deixando de atribuir à criança a culpa pelo seu próprio fracasso escolar e passando, no seu lugar, a acusar a família. O mesmo autor finaliza se passarmos sempre culpar a família como a grande responsável pela violência das crianças e jovens na escola, os educadores não estão contribuindo em nada, para resolver o problema.

Nesse contexto, ao agirmos assim, se está sendo ainda mais perverso com as famílias, que já sofrem todo tipo de acusação pelas mazelas sociais. Estamos com tal atitude, além do mais, fugindo de nossas responsabilidades: afinal, assim como os pais, também somos educadores.

A problemática da violência nas escolas está, sem dúvida, relacionada também com a impunidade, com o aumento exorbitante da ocorrência de situações de violência real e virtual, e com a maneira como tais tipo são apresentados pelos meios de comunicação em massa. (SOUZA, 2015, p. 80).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – divulgou no ano de 2008 que os índices de violência no país aumentaram entre os anos de 1992 e 2004, obtendo um crescimento de 7,7 mortes por homicídio a cada 100.000 habitantes no país.

No livro “Os jovens do Brasil”, publicado em 2014 pelo sociólogo Júlio Jacobo, o que é afirmado a respeito da violência no Brasil é ainda mais alarmante:

[...]os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil, e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do SIM/Datasus do Ministério da Saúde mostram que mais da metade dos 56.337 mortos por homicídios, em 2012, no Brasil, eram jovens (30.072, equivalente a 53,37%), dos quais 77,0% negros (pretos e pardos) e 93,30% do sexo masculino (JACOBO, 2015).

A Secretaria Nacional de Juventude, em artigo divulgado por meio do Portal da Juventude, afirma que mais de 42 mil adolescentes de 12 a 18 anos poderão ser vítimas de homicídio nos municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes entre os anos de 2013 e 2019. Conforme é analisado no artigo, isso “significa que, para cada grupo de mil pessoas com 12 anos completos em 2012, 3,32 correm o risco de serem assassinadas

antes de atingirem 19 anos de idade. A taxa representa um aumento de 17% em relação a 2011, quando o IHA chegou a 2,84”.

Ainda segundo os dados de Júlio Jacobo (2015) a região Nordeste foi a que obteve um maior crescimento dentre todas as regiões do Brasil no número de homicídios, passando de 10.947 homicídios em 2002 para 20.960 em 2012, configurando um aumento de praticamente 50% na taxa ao longo de 10 anos.

Os dados são alarmantes e assim como preocupa o autor do artigo, preocupa a todo o país devido aos números que demonstram a violenta realidade brasileira. Um trecho de Júlio Jacobo expressa bem este sentimento:

[...] o que realmente impressiona nesses números são suas magnitudes. No ano de 2012, com todas as quedas derivadas da Campanha do Desarmamento e de diversas iniciativas estaduais, aconteceram acima de 56 mil homicídios. Isso representa 154 vítimas diárias, número que equivale 1,4 massacres do Carandiru a cada dia do ano de 2012. Na década analisada, morreram, no Brasil, nem mais, nem menos: 556 mil cidadãos vítimas de homicídio, quantitativo que excede, largamente, o número de mortes da maioria dos conflitos armados registrados no mundo (JACOBO, 2015).

Na cidade de Maceió-AL, assim como no resto do Nordeste, as taxas são desanimadoras. Segundo o trabalho do sociólogo Jacobo (2015), em 1998 Alagoas ocupava a posição de número 11 entre os Estados brasileiros com maiores índices de homicídio a cada 100 mil habitantes, e em 2012 passou a ocupar a primeira posição no mesmo índice, com a impressionante taxa de 64,6 homicídios. Mais impressionante ainda será a taxa da Capital Maceió, em 2012, quando o mesmo índice contabiliza apenas jovens: 218,1 homicídios a cada 100 mil habitantes.

Esses números, por si só, já demonstraram que a impunidade é um dos principais fatores responsáveis pelo aumento da violência e dos seus reflexos nas instituições educacionais, e com relação a cidade de Maceió. É interessante pensarmos em como é irônico, por um lado, reconhecida mundialmente por suas belezas naturais, e por outro, um dos Estados com as mais altas taxas de violência no mundo.

A desigualdade social e a pobreza são problemas sociais que afetam a maioria dos países na atualidade. A pobreza existe em todos os países, pobres ou ricos, mas a desigualdade social é um fenômeno que ocorre principalmente em países não desenvolvidos (CAMARGO, 2015). O mesmo autor afirma ainda, que o conceito de

desigualdade social é um guarda-chuva que compreende diversos tipos de desigualdades, desde desigualdade de oportunidade, resultado, etc., até desigualdade de escolaridade, de renda, de gênero, etc. De modo geral, a desigualdade econômica – a mais conhecida – é chamada imprecisamente de desigualdade social, dada pela distribuição desigual de renda.

No Brasil, a desigualdade social tem sido um cartão de visita para o mundo, pois é um dos países mais desiguais. Segundo dados da ONU, em 2005 o Brasil era a 8ª nação mais desigual do mundo. O índice GINI, que mede a desigualdade de renda, divulgou em 2009 que a do Brasil caiu de 0,58 para 0,52 (quanto mais próximo de 1, maior a desigualdade), porém ainda está gritante.

Camargo (2015) afirma ainda, que alguns dos pesquisadores que estudam a desigualdade social brasileira atribuem, em parte, a persistente desigualdade brasileira a fatores que remontam ao Brasil colônia, pré-1930 – a máquina midiática, em especial a televisiva, produz e reproduz a ideia da desigualdade, creditando o “pecado original” como fator primordial desse flagelo social e, assim, por extensão, o senso comum “compra” essa ideia já formatada –, ao afirmar que são três os “pilares coloniais” que apoiam a desigualdade: a influência ibérica, os padrões de títulos de posse de latifúndios e a escravidão.

É evidente que essas variáveis contribuíram intensamente para que a desigualdade brasileira permanecesse por séculos em patamares inaceitáveis. Todavia, a desigualdade social no Brasil tem sido percebida nas últimas décadas, não como herança pré-moderna, mas sim como decorrência do efetivo processo de modernização que tomou o país a partir do início do século XIX.

Junto com o próprio desenvolvimento econômico, cresceu também a miséria, as disparidades sociais – educação, renda, saúde, etc. – a flagrante concentração de renda, o desemprego, a fome que atinge milhões de brasileiros, a desnutrição, a mortalidade infantil, a baixa escolaridade, a violência. Essas são expressões do grau a que chegaram as desigualdades sociais no Brasil Camargo (apud Rousseau, 2015), afirmando que a desigualdade tende a se acumular, completa salientando que os que vêm de família modesta têm, em média, menos probabilidade de obter um nível alto de instrução.

De acordo com esses dados lamentáveis sobre o grande índice de desigualdade, que conseqüentemente só vem a contribuir com a violência nas escolas, onde a

sociedade brasileira deve perceber que sem um efetivo estado democrático, não há como combater ou mesmo reduzir significativamente a desigualdade social no Brasil.

Por fim, quando perguntamos sobre o que gera a violência nas escolas, vale ressaltar que a *Falta de valores e a falta de políticas públicas*, também foram mencionados. Esta crise de valores morais e éticos que estamos atravessando, juntamente com o aumento da violência levam a três consequências segundo Silva (2010 pág.85):

- A banalização da vida, pois ela tornou-se algo sem importância (ou o que importa, no limite, é só a própria e a das pessoas mais próximas).
- O aumento de respostas violentas frente a situações de humilhação vividas cotidianamente.
- Ao desconhecimento ou à desvalorização dos valores éticos públicos (como justiça, honestidade, humildade e generosidade) e, em seu lugar, à apreciação dos valores privados (fidelidade, coragem) e dos que significam alguma forma de glória (beleza, força física, status financeiro e social).

Como a violência nas escolas são determinadas por fatores sociais mais amplos, então, a superação de tais fenômenos passa pela resolução dos referidos problemas. Isso não significa que a escola deva ser alheia ao combate de tais situações. Tão somente essa conclusão lembra que a escola, por si só, não conseguirá resolver tais problemas, apesar disso, pode contribuir de maneira considerável, já que tais fenômenos são igualmente determinados por causas, como severa, mais ligadas às políticas públicas.

Ao tratarmos especificamente da educação, as políticas públicas para ela voltadas deverão preservar as relações sociais de interesse do Estado. Nelas estão a condição de participação do público em geral nas decisões do país por meio do exercício da democracia. As políticas públicas educacionais são uma forma de organizar e sistematizar o pensamento da população aos moldes Estatais, determinando um padrão de proteção social mediado pelo próprio Estado, que, por sua vez, deverá distribuir seus benefícios pela população visando a minimização das desigualdades causadas pelo desenvolvimento. Na prática, a presente pesquisa desvela como as políticas públicas voltadas para a educação interferem no ambiente escolar.

Na rede particular de ensino, quando questionados sobre qual o principal fator que gera violência na escola, 45 % dos professores participantes da pesquisa afirmaram

que a resposta está na desestruturação familiar; 35% equivaleria a práticas de Bullying, a impunidade somado à desigualdade social equivalem a 5%, falta de valores 5 %, drogas; e, local onde mora, influência dos amigos, envolvimento com torcidas organizadas e bullying também foram itens pontuados.

Nesta etapa, foi observado que o que causa a violência na escola, segundo as respostas dos entrevistados, são diversos fatores, o que confirma a ineficácia das políticas públicas voltadas para evitar a violência escolar e desvela a complexidade do problema, dificultando a construção de um panorama conclusivo acerca do fenômeno. Porém, mesmo com a questão preta de resposta, é válida uma elaboração cautelosa de breves estudos que busquem sanar o problema.

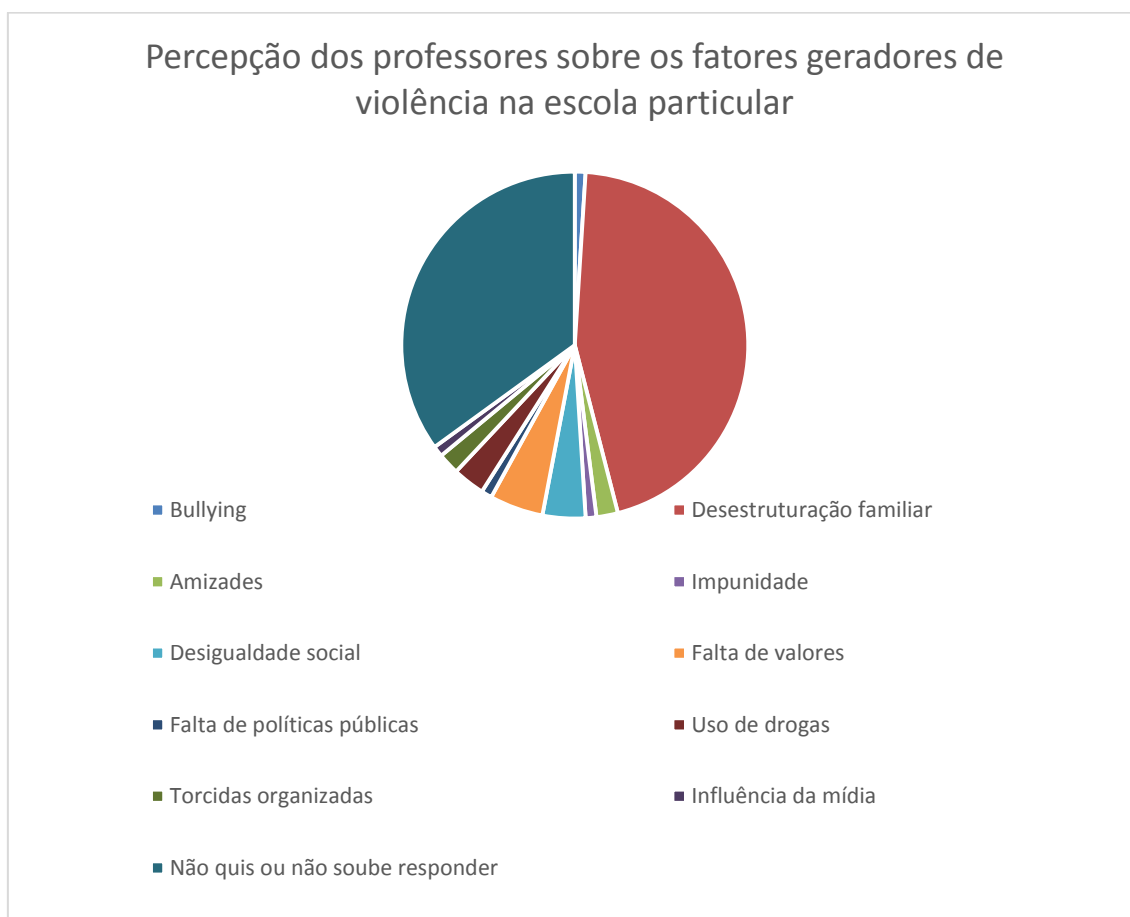
No documento intitulado "Das Políticas de Segurança Pública às Políticas Públicas de Segurança", organizado conjuntamente pelo Instituto Latino-Americano para Prevenção do Delito e Tratamento do Delincente (ILANUD) e pelo Gabinete de Segurança Institucional (GSI), sob articulação de Túlio Kahn, após uma análise superficial das políticas de segurança públicas que revelaram que o investimento na área, apesar de importante, não resolve o problema, foi apresentada uma proposta que consiste em

projetos que tem as seguintes características: um diagnóstico preciso que determine os desafios, fatores de risco e recursos da comunidade; um plano de ação que estabeleça prioridades identifique programas que podem ser modelos úteis e defina objetivos de curto e longo prazo; um processo de implementação rigoroso que inclua o treinamento e coordenação dos parceiros envolvidos; avaliações que forneçam retornos tanto sobre os processos quanto sobre os resultados obtidos; uma coalizão de atores chave com lideranças fortes e "staff" de apoio administrativo; uma estratégia de comunicações que pode mobilizar profissionais e cidadãos e é sensível a idade, gênero e diferenças culturais. (ILANUD, 2000. p. 100-101)

Apontado pela proposta citada como suposto caminho bem sucedido para políticas de combate a violência, no campo da educação também nos parece conveniente abordar a problemática desta maneira, uma vez que as causas são tão variadas e inconclusas. Deixar que as políticas públicas continuem atuando da maneira como estão sendo feitas continuará sendo ineficaz, uma vez que elas partem de diagnósticos amplos, não situados no cotidiano situacional do fenômeno, e, portanto,

não reconhecendo sua complexidade, o que é vital para obter resultados significantes capazes de reverter a situação.

**Gráfico 2** – Percepção dos professores sobre os fatores geradores de violência na escola particular



Já quando questionados sobre: Você se sente seguro(a) para intervir sobre a violência na sua escola, obtivemos na rede publica os seguintes resultados: 4% Totalmente seguro; 4% Seguro; 17% Parcialmente seguro; 62% Inseguro; 13% Totalmente Inseguro.

Quanto aos professores da rede particular, 43% afirmaram que sente Totalmente Seguro, 22% Seguro, 20% Parcialmente seguro, 08% Inseguro e também 08% Totalmente Inseguro. Diante desses dados, só vem a confirmar que as escolas da rede particular de ensino, oferecem uma estrutura adequada (salas refrigeradas, sala de informática, laboratórios, ginásios poliesportivo, parque aquáticos, bibliotecas, entre

outras, sem falar no quadro de funcionários (apoio de sala, seguranças, psicólogos, reforço escolar, coordenação pedagógica), ou seja, uma infraestrutura superior das escolas públicas, contribuindo assim para uma total segurança para os profissionais de educação.

Diante dessas afirmações, hoje os professores encontra-se bastantes inseguros dentro do ambiente escolar. Já virou rotina vimos nos telejornais noticiários sobre violência e também nas escolas, trazendo transtornos para os profissionais da educação. Sem contar que atualmente encontramos alunos desmotivados, simplesmente ignoram a presença do professor, lhe faltando com respeito, entre outras situações, gerando esse clima de tensão, terror e insegurança para ministrar suas aulas.

**Tabela 7** - Distribuição dos professores da escola pública e particular relativamente à segurança

Escola	Publica		Privada		Total	
	N	%	N	%	Nº	%
Totalmente seguro	4	4.0	43	43.0	47	47.0
Seguro	4	4.0	22	22.0	26	26.0
Parcialmente seguro	17	17.0	20	20.0	37	37.0
Inseguro	62	62.0	8	0.8	62	62.8
Totalmente inseguro	13	13.0	8	0.8	13	13.8

Ao serem questionados se suas respectivas escolas adotavam algum tipo de projeto para evitar a violência na sua escola. Dos professores entrevistados 80% responderam que não. Essa afirmativa só vem a confirmar o caos no ensino público na cidade de Maceió-AL, contribuindo assim para o aumento da violência nas escolas, tendo em vista que as três escolas entrevistadas são localizadas em bairro periférico, zona sul da cidade e com grandes índices de assaltos, assassinatos, entre outros índices sociais negativos.

A SEEA – Secretária de Educação do Estado de Alagoas, não adota atualmente qualquer projeto ativo voltado para combater a violência dentro das escolas, perpetuando a constante e corriqueira sensação de insegurança para os trabalhadores da educação, e por conseguinte entre os estudantes. Dos professores entrevistados 5% responderam que desenvolvem “oficinas e palestras”, abordando como tema a violência.

Diante dessa situação caótica, percebemos que ainda é um número bastante inferior, para conseguir minimizar os altos índices de violência no âmbito escolar. Também 5% dos professores responderam que desenvolvem “dinâmicas em grupos, aulas de vídeo e seminários”, incluindo como tema drogas, que está sendo o grande vilão dos altos índices de violência nas escolas da rede pública. 5% afirmaram que apenas por meio do PROERD. Com a missão de colaborar para que crianças e jovens não se envolvam com as drogas e nem com a violência, policiais militares vão às escolas da rede pública e privada de Alagoas para disseminar a prevenção em segurança pública e a cultura de paz para alunos da educação infantil ao ensino médio. Este policial é o instrutor do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd), também conhecido como educador social.

O Proerd é um programa que foi desenvolvido nos Estados Unidos da América, chegando ao Brasil em 1992, primeiramente no Rio de Janeiro. Atualmente existe em mais de 64 países. Em Alagoas está há 13 anos e já conta com mais de 100 mil estudantes formados. O atual efetivo do Proerd alagoano possui 17 instrutores que se dividem entre as escolas da capital e do interior.

O Proerd chega às escolas através de ofício protocolado junto ao Comando Geral da PM. Diariamente, os instrutores são escalados para realizar o curso com os estudantes e passam antes por um treinamento pedagógico visando o desenvolvimento de aulas dinâmicas que atraem a atenção do aluno para os problemas ocasionados pelas drogas.

Quando questionados se a sua escola adota algum projeto para evitar a violência, 30% dos professores responderam que adota o Projeto Cidadania, que reporta temas voltados para a violência, também 30% afirmaram que desenvolvem Gincana Culturais, abordando o tema violência e resgatando valores, 20%, trabalha temas com dinâmicas em grupos, resgatando a afetividade, relações interpessoais, companheirismo, etc, 20% afirmaram que trabalham Projetos entre pais e alunos e reuniões, sempre salientando o tema em tela.

Percebemos, que as escolas particulares trabalham durante o ano letivo o tema proposto, visto que está em evidência a violência nas escolas, buscando abordar junto com os pais, para que os mesmos se sintam também responsáveis junto aos seus filhos no combate a violência nas escolas.

Quando questionamos que atividades você sugere para evitar a violência na sua escola. Devido a estrutura mais adequada nas escolas da rede particular, o cronograma de atividades envolve ações bastante diversificadas em relação às escolas públicas: oficina de música, teatro, dança, jogos esportivos, jogos cooperativos, torneios entre classes, oficina de artesanatos, gincanas pais e filhos, visita a clínica de reabilitação a pacientes drogados, mesa redonda, gincana com xadrez, capoeira, natação, tênis de mesa, atividades artísticas e palestra envolvendo o tema.

Com esse leque de atividades oferecidas pelas escolas particulares de ensino, só vem a minimizar os índices de violência nas escolas, mas ainda é um caminho a longo prazo para conseguir combater efetivamente.

Discutindo a questão da violência verbal, tão destacada nos dados obtidos a partir dos estudantes. Permite a seguinte reflexão, quando se pensa numa pessoa sendo agredida, o pensamento mais comum a vir a mente é o de uma pessoa machucada e com hematomas, entretanto, uma forma de agressão como a verbal, pode deixar marcas ainda mais significativas para os enfrentamentos dos processos de vida ainda mais severos do que uma agressão física pode gerar (SZYMANSKI, 2001).

Há autores que tratando sobre as causas da violência nas escolas, trabalham a temática da afirmação da identidade como um relevante ponto de conflito, uma vez que, muitos educadores não conseguem compreender a agressividade dos jovens como uma questão de autoafirmação que necessita de cuidado para lidar, e oferecer o apoio necessário. Contudo os jovens sofrem, primeiramente com a violência entre seus pares, o descaso da escola, e a influência da mídia que os coloca em condição marginalizada (NJAINÉ e MINAYO, 2003).

Quando essas atitudes de incompreensão e violência verbal partem de professores ou de funcionários da escola, a dificuldade dos jovens para lidar com essa situação se torna ainda maior. Atitudes distantes e autoritárias obstruem o diálogo com os alunos e impede o verdadeiro papel de orientação da escola (NJAINÉ e MINAYO, 2003).

Essa violência que é predominantemente verbal, assim, como os dados apresentaram, gera o pensamento de quão graves podem ser esses comportamentos e ao mesmo tempo geradores de efeitos devastadores na vida social dos jovens. Pois, a violência contra crianças e adolescentes no ambiente escolar ainda é um assunto pouco explorado pela comunidade acadêmica brasileira, principalmente no tocante ao comportamento agressivo desenvolvido entre os próprios jovens. Todavia, esse problema que é socialmente grave e complexo é o tipo mais frequente de violência juvenil (NETO, 2005).

A vivência escolar é muito significativa na vida de qualquer pessoa, e aqueles que não gostam dessa passagem tem maior probabilidade a ter desempenhos insatisfatórios. Nesse contexto, o bullying e a vitimização se apresentam, com o primeiro sendo a representação do poder interpessoal através da agressão, e o segundo quando uma pessoa acaba por ser a receptora desse comportamento agressivo de uma outra com maior poder simbólico (NETO, 2005).

Quando esta violência, que até então ainda estava no âmbito verbal e não consegue ser controlada ou não se interfere de maneira efetiva, ela pode atingir outros patamares, banalizada. Chegando à agressão física através do ato de brigar, vir às vias de fato, chutar, entre outras ações, também presente no ambiente escolar, muitas vezes acaba por ser considerado como um ato de indisciplina escolar. Entretanto, há quem questione esse tipo de compreensão, uma vez que, indisciplina e agressão física tem conceituações absolutamente distinta. Assim, para coibir a mesma é preciso tratá-la de forma diferenciada (GOTZENS, 2003).

Assim, o comportamento das vítimas de violência no ambiente escolar pode apresentar características diferentes. Enquanto a vítima típica, apresenta um aspecto físico de sensibilidade, comportamento tímido, passivo, submisso, inseguro, com baixa autoestima, tenderá a apresentar dificuldade na aprendizagem, notável ansiedade, aparentemente depressivo e de coordenação motora insuficiente. Por ser fisicamente mais frágil que seus companheiros de turma, tem dificuldades para praticar atividades físicas e por essa razão sente incapaz de se impor e de se defender em situações de briga, aceitando a condição de vítima por se sentir envergonhado, sem jamais esboçar comportamento agressivo (MARTINS, 2005).

Existe também a vítima provocadora, sob as características daquele aluno que não tem capacidade para lidar com as consequências de suas provocações. Pois sempre

apresenta comportamento agressivo e briga quando é atacado, mas não consegue resolver a situação. Geralmente de comportamento hiperativo e inquieto, tende a ser disperso e provocador de situações ofensivas aos mais diversos alvos. E também temos um outro perfil de vítima, este da vítima agressora. Sendo aquele que reproduz a agressão sofrida num outro aluno aparentemente mais frágil, perpetuando um comportamento negativo e incentivando a construção de um ciclo de violências (MARTINS, 2005).

O fato de grande parte dos alunos relatarem não ter a que recorrer só reforça a ideia de decadência da educação brasileira, especialmente no ensino público. Haja visto, a profissão de professor, que outrora já foi uma das mais prestigiadas no Brasil, atualmente, encontra-se desvalorizada. Políticas públicas são criadas e implantadas sem a efetiva participação dos professores, exceto para o momento de sua execução, tornando o processo estanque e descontínuo, contribuindo a uma baixa efetividade e resolutividade dos problemas (PARO, 2000).

Esse sentimento de desamparo, especialmente, entre as mulheres, ajuda a perpetuar uma sensação de impotência. Este sentimento uma vez instalado, e não havendo a ajuda adequado, acaba por somatizar outros sentimentos como o medo e a tristeza. Induzindo a uma sensação de estar em perigo permanente, decorrente da desproteção, e seja ela real ou imaginária, torna-se algo extremamente difícil de conviver diante da condição do inesperado (BRAUN, 2002).

O sentimento pode ser sentido a longo prazo, em cada vez que se relembram as situações, dificultando o estabelecimento de relações nos mais diversos setores da vida. E o que dificulta ainda mais é o fato de muitas mulheres pensarem que são as únicas vítimas, e isso provoca um sentimento de vergonha, que só atrapalha no processo de busca por ajuda, levando à perda da esperança e ao isolamento (BRAUN, 2002).

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa é fruto de uma inquietação movida por uma preocupação profissional, atuando como professor na disciplina de Educação Física há 10 anos na rede pública de ensino e também pelo fato do bairro onde localizam-se as escolas que tem alto índice de violência, fazendo com que os profissionais da educação tenham considerável risco no desenvolvimento de suas atividades.

Esta vivência pessoal, tem sido um tanto desafiadora, e foi fator preponderante na opção pela temática abordada neste trabalho. Diante da forma como a violência se apresenta atualmente nas escolas é urgente a necessidade de uma reflexão sobre o assunto. Abordagens realizadas sobre essa temática nas escolas tem se mostrado pontuais e descontinuadas.

Buscou-se assim compreender os sentidos, significados e implicações da violência no ambiente escolar a partir dos questionamentos dos alunos e da percepção dos professores.

O ideal é que se tenha em mente o verdadeiro papel da escola em formar cidadãos conscientes de seu valor, poder, direitos e deveres, além da instrução de base, e neste ambiente a prática do aprendizado deve ser satisfatória e envolvente. Os professores devem estar cientes do seu papel de educar e não simplesmente transmitir conhecimentos, cabendo a eles orientar muitas vezes sobre ações que os alunos tomam dentro e fora da escola. A formação moral, não é uma tarefa que se limita aos pais, precisa ser visto como um compromisso da família e da sociedade, além da escola.

Considerando que a violência é um problema social, e por conseguinte reverbera na escola, configurando-se na violência escolar um estado de alerta, pois impossibilita que a escola cumpra sua função social, que é a de proporcionar uma formação integral que possibilita ao aluno o exercício da cidadania, conforme a Lei Nº 9.394/96 – Título II – Dos Princípios e Fins da Educação Nacional, Art 2º: “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educado, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

O presente estudo nos mostra em linhas gerais, qual é o fator principal da violência escolar da Rede Pública e Particular de ensino na cidade de Maceió. A utilização do modelo qualitativo revelou ser adequada para o estudo, ao permitir que os

alunos e professores respondessem e expressassem livremente acerca da violência no âmbito escolar.

Como principais conclusões pode-se referir que: Os alunos questionados sobre os tipos de violência mais frequentes na escola, predominou a violência verbal, tanto na rede pública como na escola particular de ensino. A violência se faz presente no cotidiano de todos e por vez acaba sendo banalizada.

Sobre a frequência com os alunos sentiam-se vítimas da violência, as respostas raramente e nunca predominaram tanto na escola pública como na escola particular, mesmo tendo em vista que os mesmos percebem a escola como um espaço de práticas de violência frequente.

Em se tratando de ser vítima de violência e ter recebido ajuda na ocasião, as respostas causaram surpresa, o fato da maioria dos estudantes indicarem que não consegue obter nenhum tipo de ajuda nos momentos em que são vítimas de violência, tanto na rede pública como na escola particular. Sobretudo, acaba por ser um fato triste, principalmente, nas escolas da rede pública onde o quadro de funcionários é precário, isso merece destaque, pois o estudante não identifica qualquer ponto de apoio.

No que diz respeito aos profissionais pesquisados da rede pública de ensino, quando questionados sobre o principal fator que causa a violência na escola, os mais relatados foram: Uso de drogas, lembrando que as escolas acessadas localizam-se num bairro periférico com altos índices de violência, onde o uso de drogas é um fato corriqueiro, questão que facilita e incentiva práticas violentas. Com isso, a própria escola que deveria ser um ponto de apoio para esses jovens, acaba por se tornar também cenário para a comercialização de entorpecentes, ainda que as escolas possam contar eventualmente com o apoio da Polícia Militar através do Batalhão Escolar, em casos de extrema necessidade.

O problema da droga nas escolas de Maceió não é algo recente, e além de ser uma questão social urgente, passa por uma questão de saúde pública. Pois, do ponto de vista emocional, afeta também no quesito da segurança dos profissionais da escola, em especial dos professores, estes que acabam por lidar com situações de conflito em sala de aula, tendo que agir de maneira a coibir, entretanto, não contam com o respaldo devido de instituições de segurança pública e muito menos da Secretaria de Educação, ficando exposto e refém do medo.

O PROERD é um projeto realizado pela Polícia Militar em algumas escolas, entretanto devido ao quantitativo insuficiente de profissionais ele não consegue a efetividade desejada.

Os professores também foram questionados em relação ao principal fator gerador de violência, onde foram apontados a ausência dos pais, acompanhamento e desgaste familiar, falta de educação doméstica e desestruturação familiar. Diante dessas afirmações, hoje encontramos alunos desmotivados, agressivos, indisciplinados e sobretudo violentos, o que só corrobora para o entendimento da ausência da educação familiar e doméstica.

Esses fatores vêm afetando drasticamente o bem-estar social, trazendo grandes prejuízos na própria convivência familiar, como: Falta de respeito, falta de união entre pais e filhos, desempenho escolar insatisfatório. Assim, o desejado é que se consiga continuamente trazer a família para mais próximo da escola, uma vez que a escola é um espaço de diálogo e debate para a construção de uma melhoria na qualidade de vida de seus alunos, entretanto, iniciativas desse modelo são de poucas a nulas.

Ainda em relação aos fatores geradores de violência nas escolas, grande parcela dos professores afirma que a impunidade e desigualdade social está relacionada com altos índices de violência. Na cidade de Maceió, os dados são alarmantes, especialmente na zona sul, onde foram coletados os dados desta pesquisa. Nos últimos anos o Estado de Alagoas figurou como líder, ou entre os primeiros Estados da Federação com os maiores índices de violência do Brasil, e a escola como ambiente de convívio social também sofre reflexos desse quadro, que se pode considerar assustador.

As crianças e jovens alagoanos, moradores de localidades menos favorecidas, encontram-se praticamente sem perspectivas de futuro, diferente a de repetir a condição de vida de seus genitores. Sendo homem, ser pai jovem, abandonar a escola, envolver-se com o tráfico de drogas ou a prática de crimes, tendo sorte, sobrevive à meia idade, sendo consumido pelo uso drogas ou pelo alcoolismo. Sendo mulher, sobre abusos desde a infância, engravidada nas primeiras relações e é abandonada pelo companheiro ainda na gestação, sofre para ter a criança de forma decente com hospitais superlotados e com serviços deficientes, e forçada a prática da cesariana, abandona os estudos para cuidar dos filhos, engravidada outras vezes, objetivando auxílio de programas sociais, ainda assim, geralmente conta com o apoio de um familiar aposentado.

Os professores consideraram que os fatores geradores de violência nas escolas onde trabalham, foram: Falta de valores e falta de políticas públicas. Enquanto professor e enquanto profissional da educação, fica a percepção de que encontramos alunos desmotivados, onde impera a falta de respeito, solidariedade e o afeto está cada vez mais distante do perfil dos nossos jovens impondo-se medidas preventivas urgentes.

Ao serem questionados se a escola tem a possibilidade de debater propostas de combate à violência. 80% dos professores responderam que atualmente não possuem qualquer tipo de projeto para trabalhar o combate à violência entre os jovens. A Secretaria Estadual de Educação, também não tem em desenvolvimento projeto específico. Estas afirmações deixam claro o descaso, com a educação dos nossos jovens. 5% afirmou tratar o tema através de oficinas, dinâmicas de grupo, seminários, mas ainda assim é um número que se pode dizer insuficiente. Os professores da rede pública 73% sentem-se inseguros.

Com relação às atividades recreativas e esportivas, por se tratar de um público bastante carente com relação a esse tipo de ação, onde dificilmente há espaços físicos nas comunidades. Os jovens ficam ociosos no seu dia-a-dia, sendo impelidos para o mundo da violência e transferindo essas vivências para o ambiente escolar.

Em relação aos professores entrevistados que trabalham na rede particular de ensino, onde foi questionado sobre o principal fator gerador de violência na sua escola, as respostas foram praticamente as mesmas já apontadas pelos professores da rede pública de ensino, porém a questão do uso de drogas foi um ponto que merece atenção e preocupação. 40% relataram que a falta de estrutura familiar, acompanhamento familiar foram os mais comentados.

Pensamos que cargas horárias extensivas, algumas vezes sendo superior a 40h semanais é um fator razoável para indicar esse afastamento existente entre pais e filhos, prejudicando grandemente as relações afetivas, e o próprio acompanhamento dos pais do desempenho dos seus filhos na escola, especialmente pela forte inserção da mulher no mercado de trabalho, sendo a sociedade brasileira apesar de machista essencialmente matriarcal.

Dos professores, 45% referiram desestruturação familiar e cerca de 35% práticas de bullying, impunidade e desigualdade social, relataram a questão da impunidade, e o fato dos jovens estarem se envolvendo muito cedo no mundo do crime.

No quesito drogas, para as escolas particulares, esse fato aparece com menor destaque que nas escolas públicas.

Sobre projetos desenvolvidos nas escolas, 30% afirmou trabalhar as seguintes temáticas: Ética e cidadania, sempre voltado pra trabalhar questões de violência, reportaram ainda gincanas 30%, dinâmicas de grupo, reunião com os pais, palestras e outros trabalhos em sala de aula.

Percebeu-se que nas escolas pesquisadas, consegue-se trabalhar de forma sistemática a violência dentro do planejamento escolar, trazendo a responsabilidade dos pais e da família na formação dos seus alunos, minimizando os riscos da violência no contexto escolar.

Quando questionamos se os professores se sentiam seguros para trabalhar a violência na escola, 43% afirmou se sentir totalmente seguro, 22% seguro e 20% parcialmente seguro, com isso, fica evidente a tranquilidade que o profissional tem para trabalhar tais temáticas, propiciando um ambiente harmonioso e democrático. Por último, os projetos desenvolvidos pelas escolas particulares são bastante diversificados, contribuindo para um resultado satisfatório.

Desse jeito, percebemos pelos dados apresentados, que a violência ocorre sim em ambas as escolas da rede pública ou particular. Havendo uma menor proporção nas escolas da rede particular, tendo em vista que os projetos desenvolvidos, a estrutura física, e recursos humanos, estão presentes a contento.

Isso deixa evidente a limitação existente nas escolas públicas, de toda a ordem, pais, escola e sociedade. É preciso rever conceitos, trabalhar melhor em equipe, desfazer e hierarquias, e trabalhar de forma linear, ser mais respeitoso com nossos jovens e passar a ouvi-los, eles estão sofrendo e sabem onde estão as lacunas, é preciso abrir espaço para que eles consigam encontrar as saídas, e jamais subestimar o seu potencial.

Assim, pode ser inferido a partir dos produtos desta pesquisa que embora os cenários de violência sejam mais evidentes em escolas públicas, ela também se apresenta preocupante na escola particular. O que precisa ser visto enquanto política pública, uma vez que, o Estado se isenta de participação em escolas particulares. Entretanto, existe um bem maior que é a formação dos seus jovens que precisa de cuidado.

Todas as escolas onde foi realizado o estudo, se não se localizam num mesmo bairro, estão localizadas numa mesma região da cidade (zona sul). Havendo entre algumas dessas escolas pública e particular, uma distância inferior a 500 metros, o que implica dizer que, independente que estes jovens pelas circunstâncias mais diversas, os seus responsáveis possam dar a condição ou não de estudar numa escola particular, que oferece uma melhor estrutura de ensino. Devido à localização estes jovens se relacionam, e comungam de uma mesma realidade.

Notoriamente, as escolas particulares em questão primam por um zelo maior ao aluno, e o maior contato possível com os seus responsáveis, e esse fator é fundamental para as diferenças de comportamento apresentadas em forma de dados e manifestações ao longo do presente trabalho.

Pessoalmente, enquanto profissional da educação e professor da escola pública, a situação demonstra estar a beira de um colapso. Nossos jovens, especialmente, os estudantes de escola pública precisam de maior atenção em forma de políticas públicas, de modo que ele não interprete o mundo como um lugar hostil, onde precisa empregar da violência como alternativa de sobrevivência.

Propomo-nos apresentar de forma reflexiva os dados obtidos nesta pesquisa às escolas envolvidas e à Polícia Militar de Alagoas.

Disponibilizamo-nos, em equipa, a rever/ajustar a prática desportiva nas aulas, esperando deste modo que esta unidade curricular possa ser promotora da qualidade de saúde e um incentivo à redução da violência entre jovens.

Propomo-nos à reslização de um Programa/Projeto, aglutinador dos agentes educativos e policiais que proporcione taxas de ocupação útil dos jovens em actividades propiciadoras de ambientes favoráveis ao desenvolvimento pessoal, interpessoal e extra pessoal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay, M., & Rua, M. G. (2002). *Violências nas escolas* (2ª ed.). Brasília: Unesco.
- Abramovay, M., Cunha, A. L., & Calaf, P. P. (2009). *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas*. Brasília: RITLA/SEEDF.
- Abramovay, M., Waiselfisz, J. J., Andrade, C. C., & Rua, M. G. (1999). *Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- Abric, J.-C. (2001). *Prácticas sociales y representaciones*. México: Ediciones Coyoacán.
- Activa. (1998). *Estudio Multicéntrico sobre normas y actitudes hacia La Violência*. Washington: OPS.
- Anser, M. A. C. I., Joly, M. C. R. A., & Vendramini, C. M. M. (2003). Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: Visão do professor. *Psicologia, teoria e pratica*, 5(2).
- Aragão, J. (2011). Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. *Revista Praxis*, 3(6), 59-62.
- Aravena, L. (2005). *Matonaje escolar: el daño invisible entre compañeros*. La tercera. Acedido em [http://mujer.latercera.cl/medio/articulo/0,0,38039818\\_90162750\\_168889927,00.html](http://mujer.latercera.cl/medio/articulo/0,0,38039818_90162750_168889927,00.html)
- Arellano, N., Chirinos, Y., Lopez, Z., & Sanchez, L. (2007). Los tipos de violencia entre iguales. *QuadernsDigitals*, 1-18. Acedido em [www.quadernsdigitals.net/index.php?accionMenu=hemeroteca.DescargaArticuloIU.descarga&tipo=PDF&articulo\\_id=10404](http://www.quadernsdigitals.net/index.php?accionMenu=hemeroteca.DescargaArticuloIU.descarga&tipo=PDF&articulo_id=10404)
- Aviles, J. M. (2006). *Bullying: El maltrato entre iguales. Agresores, víctimas y testigos en la escuela*. Salamanca: Amarú.
- Badinter, E. (1992): *XY. La identidad masculina*. Madrid: Alianza.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barreira, C. (1998). *Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Bid. (1998). *Informe de Progreso Económico y Social*. Washington: BID.
- Brasil, Ministério da Saúde, Secretaria da Educação Fundamental. (2001). *Parâmetros curriculares nacionais. Educação física 3*. Brasília: MS.

- Brasil, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. (2011). *Atenção integral para mulheres e adolescentes em situação de violência doméstica e sexual: matriz pedagógica para formação de redes*. Brasília (DF): Ministério da Saúde.
- Brasil, Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde. (2002). *Violência intrafamiliar: Orientações para a prática em serviço*. Brasília (DF): Ministério da Saúde.
- Braun, S. (2002). *A violência sexual na família: do silêncio à revelação do segredo*. Porto Alegre: AGE.
- Briceño-León, R., Camardiel, A., & Avila, O. (1999). Violencia y Actitudes de Apoyo a La Violencia en Caracas. *Fermentum*, 9(26), 325-335.
- Briceño-León, R., Camardiel, A., & Avilla, O. (1998). Quiénes son las víctimas de La violencia en Caracas? Un análisis social del riesgo de la violencia no-fatal. *Tribuna del Investigador*, 5(1), 5-19.
- Briceño-León, R., Perdomo, R. P. (2000). Violencia en Venezuela: un fenómeno capital. In J. L. Londoño, A. Gaviria, & R. Guerrero (Eds.), *Asalto al desarrollo: violencia en América Latina* (pp. 263-288). Washington: Banco Interamericano Del Desarrollo.
- Briceño-León, R.; Carneiro, P. L., & Cruz, J. M. (1999). O apoio dos cidadãos à ação extrajudicial da polícia no Brasil, em El Salvador e na Venezuela. In D. Chaves Pandolfi, J. Murilo de Carvalho, L. Piquet Carneiro, & M. Grynzpan (Orgs.). *Cidadania, justiça e violência* (pp. 117-127). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Camargo, O. (2015). *Desigualdade social*. Acedido em <http://www.brasilecola.com/sociologia/classes-sociais.htm>
- Cano, I. (1997). *The use of lethal force by police in Río de Janeiro*. Rio de Janeiro: ISER.
- Carvalho, C. G. (2002). *Álcool em vítimas de causas externas* (Dissertação de doutoramento). São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.
- Castorina, J. A. (2003). *Representaciones sociales: Problemas teóricos y conocimientos infantiles*. Buenos Aires: gedisa.
- Cepal. (1999). *La brecha de la equidad*. Santiago de Chile: CEPAL.
- Cepal. (2000). *Equidad, desarrollo y ciudadanía*. Santiago de Chile: CEPAL.
- Chagas-Dorrey, R. (2005). Los maestros frente a la violencia entre alumnos. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, 10 (027), 1071-1082.
- Chizzotti, A. (1995). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- Colognese S. A., Melo, J. L. B. A técnica de entrevista na pesquisa social. In *Pesquisa Social Empírica: Métodos e Técnicas* (Vol. 9). Porto Alegre: PPGS/UFRGS.

- Córdula, E. B. L. (2011). As crianças e a violência na escola: espelhos da sociedade. *Revista Eletrônica de Educação*, 5(2), 256-266.
- Couttolene, B., Cano, I., Carneiro, L. P., & Phebo, L. (2000). Violencia y policía en Rio de Janeiro. In J. L. Londoño, A. Gaviria, & R. Guerrero (Eds.), *Asalto al Desarrollo: Violencia en América Latina* (pp. 59-102). Washington: Banco Interamericano del Desarrollo.
- Crick, N. R., Casas, J. F., & Ku, H. (1999). Relational and physical forms of peer victimization in preschool. *Developmental Psychology*, 35, 367-380.
- Cruz, J. M., González, A., Romano, E., & Sisti, E. (2000). De la Guerra al Delito: evolución de la violencia en El Salvador. In J. L. Londoño, A. Gaviria, & R. Guerrero (Eds.), *Asalto al desarrollo: violencia en América Latina* (pp. 173-203). Washington: Banco Interamericano del Desarrollo.
- Cruz, J. M., Trigueros Argüello, A., & González, F. (2000). *El crimen violento en El Salvador: Factores sociales y económicos asociados*. San Salvador: IUDOP.
- Del Barrio, C., Almeida, A., Van der Meulen, K., Barrios, A., & Gutiérrez, H. (2003). Representaciones acerca del maltrato entre iguales; atribuciones emocionales y percepción de estrategias de cambio a partir de un instrumento narrativo. SCAN-Bullying. *Infancia y Aprendizaje*, 26(1), 63-78.
- Dessen, M. A., Polonia, A. C. (2007). *A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano*. Universidade de Brasília, Distrito Federal: Paidéia.
- Esteve, J. M. (1994). *El malestar docente*. Barcelona: Paidós.
- Eyzaguirre, H. (2000). Ataque a la violencia en Perú: Reforma Penal y Policiaca. In J. L. Londoño, A. Gaviria, & R. Guerrero (Eds.), *Asalto al desarrollo: violencia en América Latina* (pp. 233-260). Washington: Banco Interamericano del Desarrollo.
- Falbo, G. H., Buzzetti, R., & Cattaneo, A. (2001). Homicide in children and adolescents: a case-control study in Recife, Brazil. *Bulletin of PAHO*, 79(1), 1-7.
- Ferreira, A. B. H. (2005). *Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo.
- Ferreira, T. H. S., Farias, M. A., Silves, E. F. M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115.
- Fiamengli Junior, G., & Ximenez Filho, J. (2001). Reflexões sobre a indisciplina e a agressividade na escola atual. In M. L. M. C. Vasconcelos (org.), *(In)disciplina, escola e contemporaneidade* (pp. 27-39). São Paulo: Mackenzie.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24 (1), 17-27.
- Gil, A. C. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas.

- Gil, C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Altas.
- Gotzens, C. (2003). *A disciplina escolar: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento* (2ª ed.). Porto alegre: Artmed.
- Griffin, R., & Gross, A. (2004). Childhood Bullying: Current empirical findings and future directions for research. *Aggression and Violent Behavior*, 9, 379-400.
- Grossi, M. P., Minella, L. S., & Losso, J. C. M. (orgs.). (2006). *Gênero e violência, pesquisas acadêmicas brasileiras (1975-2005)*. Florianópolis: Mulheres.
- Guerrero, R. (1996). Políticas de combate ao narcotráfico na América Latina. *Lei e Liberdade*, 15(47), 11-13.
- Hernandez, T. (2000). Des-cubriendo la violencia. In *Violencia, sociedad y justicia en América Latina* (pp.57-75). Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias.
- Ingus, C. (2005, Mayo). *Los límites del maltrato verbal*. Acedido em [http://www.geomundos.com/mujeres/gema/los-limites-del-maltrato-verbal\\_doc\\_7346.html](http://www.geomundos.com/mujeres/gema/los-limites-del-maltrato-verbal_doc_7346.html)
- Jodelet, D. (1986). La representación social: fenómenos, conceptos y teoría. In S. Moscovici, *Psicología social 2. Pensamiento y vida social* (pp. 469-494). Barcelona: Paidós.
- Kaloustian, S. M. (Orgs.). *Família brasileira: a base de tudo*. Brasília, DF: Unicef.
- Krug, E. G. (ed.) (2002). *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Genebra: Organização Mundial de Saúde.
- Linhares, D. F. (2013). *Violência na escola, da escola à escola: um estudo com professores e alunos* (Trabalho de conclusão de curso Licenciatura). Brasília: Universidade de Brasília Planaltina-DF.
- Londoño, J. L., & Guerrero, R. (2000). Violencia en América Latina: Epidemiología y Costos. In J. L. Londoño, A. Gaviria, & R. Guerrero (Eds.), *Asalto al Desarrollo: Violencia en América Latina* (pp. 11-57). Washington: Banco Interamericano del Desarrollo.
- Lozano, R., Hajar, M., Zurita, B., Hernández, P., Avila, L., Bravo, M. L., ... (2000). Capital Lesionada: Violencia en Ciudad de México. In J. L. Londoño, A. Gaviria, & R. Guerrero (Eds.), *Asalto al Desarrollo: violencia en América Latina* (pp. 205-232). Washington: Banco Interamericano del Desarrollo.
- Marquez, P. (1999). *The street is my home*. Stanford: Stanford University Press.
- Martins, M. J. D. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 23(4).
- Mascarenhas, M. D. M., Malta, D.C., Silva, M. M. A., Lima, C. M., Carvalho, M. G. O., Oliveira, V. L. A. (2010). Violência contra a criança: revelando o perfil dos

- atendimentos em serviços de emergência, Brasil, 2006 e 2007. *Cad Saúde Pública*, 26(2), 347-357.
- Mello, J. M. H. (1979). *Mortalidade por causas violentas no município de São Paulo* (Tese de doutoramento). São Paulo: SSP/USP.
- Minayo, M. C. S. (1994). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (1999). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2003). Violência nas escolas: identificando pistas para a prevenção. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, 7(13), 119-134.
- Navarro, J. C. (1999). Los costos del delito violento en Venezuela. *Fermentum*, 9(26), 383-396.
- Neto, A. A. L. (2005). Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5 Supl).
- Njaine, K., Minayo, M. C. S. (2003). Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, 7(13), 119-134.
- Noronha, M. I. A. (2013). *Análise da pesquisa violência nas escolas: o olhar dos professores*. Acedido em <http://www.apeoesp.org.br/>
- Oliveira, B. C., & Souza, H. J. S. (2014). A violência nas escolas e as suas causas. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, 1(1).
- Olweus, D. (1993). *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. Madrid: Morata.
- Organização Mundial de Saúde. (1996). *Consulta global sobre a violência e health. Violence: uma prioridade de saúde pública*. Genebra: OMS.
- Ortega-Ruiz, R. (2002). *Estratégias educativas para a prevenção da violência*. Brasília: UNESCO, UCB.
- Paro, V. H. (2000). *Por dentro da escola pública* (3ª ed.). São Paulo: Xamã.
- Pérez Perdomo, R., & Rosales, E. (1999). La violencia en el espacio carcelario. *Revista de Derecho Penal*, 2(3), 293-313.
- Rosa, M. J. A. (2010). Violência no ambiente escolar: refletindo para as consequências no processo ensino-aprendizagem. *Itabaiana: GEPPIADE*, 8(4).
- Rubio, M. (2000). El desbordamiento de la violencia en Colombia. In J. L. Londoño, A. Gaviria, & R. Guerrero (Eds.), *Asalto al Desarrollo: Violencia en América Latina* (pp. 103-171). Washington: Banco Interamericano del Desarrollo.
- Silva, N. P. (2010). *Ética, Indisciplina & Violência nas Escolas* (5ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Simões, C. (2014). *Curso de Direito do Serviço Social*. São Paulo: Cortez Editora.
- Soares, L. E. (2000). *Meu casaco de general*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Souza, E. C. F. (2011). Violência urbana e cultura escolar: Estudo das percepções dos atores sociais em uma escola pública (Ananindeua/Pará). *Revista Difere*, 1(2).
- Szymanski, H. (2001). *A relação família/escola: desafios e perspectivas*. Brasília: Plano.
- Tavares dos Santos, J. V. (2002). The worldization of violence and injustice. *Current Sociology*, 50(1), 123-134.
- Torres, J. (2006). *La desmotivación del profesorado*. Madrid: Ediciones Morata.
- Vila, C. (2001). (In)justicia por mano propia: linchamientos en México contemporáneo. *Revista Mexicana de Sociología*, 63(1), 131-160.
- Walseifisz, J. J. (2012). *Mapa da violência 2012: Crianças e Adolescentes do Brasil: Centro Brasileiro de Estudos Latino Americanos*. Rio de Janeiro: Editora Flacso.
- World Health Organization. (1999). *Injury, a leading cause of the global burden of disease*. Geneva: WHO.
- World Health Organization. (2001). *World Bank beyond economic growth. Meeting the challenges of global development*. Washington: World Bank.
- Zaluar, A., Noroña, J., & Albuquerque, C. (1994). Violência: pobreza ou grandeza institucional. *Cadernos de Saúde Pública*, 10 (supl.1), 213-217.
- Zimring, F. E., & Hawkins, G. (1997). *Crime is not the Problem. Lethal violence in America*. New York: Oxford University Press.
- Zubillaga, V., & Briceño-León, R. (2001). Exclusión, Masculinidad y respeto: Algunas Claves para entender la violencia entre adolescentes en barrios. *Nueva Sociedad*, 173, 34-78.
- Zubillaga, V., & Cisneros, A. (2001). El temor en Caracas: relatos en barrios y urbanizaciones. *Revista Mexicana de Sociología*, 63(1), 161-176.

# ANEXOS I

QUESTIONÁRIOS E GUIÃO DE ENTREVISTAS

(ALUNOS E PROFESSORES)

Aluno(a): \_\_\_\_\_

Estudo na rede ( ) Pública ou ( ) Privada

Idade: \_\_\_\_\_

Ano letivo atual: \_\_\_\_\_

Já repetiu algum ano letivo? ( ) Não ( ) Sim. Qual/is? \_\_\_\_\_

1- Quais os tipos de violência são mais frequentes na sua Escola?

- a - ( ) Física
- b- ( ) Verbal
- c -( ) Psicológica
- d) ( ) Outro tipo
- e) ( ) Insiste violência

2 – Com que frequência você já sofreu violência na sua escola?

- A) ( ) sempre
- B) ( ) quase sempre
- C) ( ) raramente
- d) ( ) nunca

3- Se você foi vítima de alguma violência, quem lhe ajudou na ocasião?

- A) Professor (a)
- B) Coordenador (A)
- C) Diretor (A)
- D) Outros profissionais
- E) Aluno (a)
- F) Ninguém

Professor(a): \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação: \_\_\_\_\_

Formação acadêmica: \_\_\_\_\_

Atua como ( ) efetivo ( ) monitor ( ) substituto

Rede de ensino ( ) Pública ( ) Privada

1 – Qual o principal fator que gera a violência na escola?

2 – A sua escola ou secretaria adota algum projeto para evitar a violência na sua escola?

3 – Você se sente segura (o) para intervir sobre a violência na sua escola?

- A) Totalmente segura (O)
- B) Seguro
- C) Parcialmente Seguro
- D) Inseguro
- E) Totalmente inseguro

4 – Que atividades Recreativas, Esportivas, culturais você sugere para evitar a violência na sua escola?



# ANEXOS II

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE ESTUDOS AVANÇADOS - IPEA  
MACEIÓ – AL – BRASIL

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**A violência no contexto escolar: Percepção dos professores de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública e Privada de Ensino na cidade de Maceió**”. Neste estudo pretendemos analisar as motivações da violência no contexto escolar das escolas da rede pública e particular de ensino localizadas num bairro periférico da cidade de Maceió .

O motivo que nos leva a estudar surgiu da própria vivência profissional, em virtude de na prática diária com os protagonistas escolares, enquanto professor da rede pública de ensino atuando como profissional de Educação Física, lidamos com alunos sem perspectivas de futuro, desmotivados, de comportamento agressivo, e com alto grau de indisciplina, caracterizando um perfil violento, onde causa estranheza e preocupação a normalização de tais comportamentos e atitudes,

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: descritivo exploratório de natureza qualitativa e quantitativa; cuja participação não oferece prejuízos ao participantes, e os riscos serão minimizados respeitando todos os aspectos éticos.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, no Centro LOCAL DO ESTUDO e a outra será fornecida a você.

Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos do estudo “A

**violência no contexto escolar: Percepção dos professores de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública e Privada de Ensino na cidade de Maceió**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Maceió-AL, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Nome Assinatura participante Data

Nome Assinatura pesquisador Data

Nome Assinatura testemunha Data

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o  
Av. Domingos Ferreira, 4060 – SL22, Empresatial Blue Tower  
Boa Viagem, Recife-PE  
CEP 51 021-040  
E-mail: aasaluisioprofessor@hotmail.com



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE ESTUDOS AVANÇADOS - IPEA  
MACEIÓ – AL – BRASIL

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O Sr. (a) responsável pelo menor abaixo mencionado que está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**A violência no contexto escolar: Percepção dos professores de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública e Privada de Ensino na cidade de Maceió**”. Neste estudo pretendemos analisar as motivações da violência no contexto escolar das escolas da rede pública e particular de ensino localizadas num bairro periférico da cidade de Maceió .

O motivo que nos leva a estudar surgiu da própria vivência profissional, em virtude de na prática diária com os protagonistas escolares, enquanto professor da rede pública de ensino atuando como profissional de Educação Física, lidamos com alunos sem perspectivas de futuro, desmotivados, de comportamento agressivo, e com alto grau de indisciplina, caracterizando um perfil violento, onde causa estranheza e preocupação a normalização de tais comportamentos e atitudes,

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: descritivo exploratório de natureza qualitativa e quantitativa ; cuja participação não oferece prejuízos aos participantes, e os riscos serão minimizados respeitando todos os aspectos éticos.

Para participar deste estudo o menor não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O menor e o responsável serão esclarecidos (as) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador

O pesquisador irá tratar as identidades com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome do menor ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) menor não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, no Centro LOCAL DO ESTUDO e a outra será fornecida ao sujeito do estudo.

Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_, autorizo o menor \_\_\_\_\_ e fui informado (a) dos objetivos do estudo “**A violência no contexto escolar: Percepção dos professores de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública e Privada de Ensino na cidade de Maceió**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo com a participação do menor mencionado acima nesse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada e ao menor a oportunidade de ler e esclarecer todas as nossas dúvidas.

Maceió-AL, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Nome Assinatura participante Data

Nome Assinatura do Responsável pelo menor Data

Nome Assinatura pesquisador Data

Nome Assinatura testemunha Data

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o

Av. Domingos Ferreira, 4060 – SL22, Empresatial Blue Tower

Boa Viagem, Recife-PE

CEP 51 021-040

E-mail: [aasaluisioprofessor@hotmail.com](mailto:aasaluisioprofessor@hotmail.com)



# ANEXOS III

REQUERIMENTOS



INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU

INSTITUTO PERNAMBUCANO DE ESTUDOS AVANÇADOS

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU



AVANÇADOS

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU

Colégio Carvalho 25/08/2014  
Exmo. Sr. Dr. Paulo Roberto Santos da Silva  
Coordenador Pedagógico

ASSUNTO: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA EFECTUAR COLHEITA DE DADOS

COLHEITA DE DADOS

No âmbito da unidade curricular de Viseu, está a Escola Superior de Saúde de Viseu e o aluno Joséildo Constantino dos Santos, mat.3678 do 2º ano do 3ºM Curso de Mestrado em Educação para a Saúde a desenvolver um estudo subordinado ao tema "A Violência no contexto escolar: Percepção dos professores das escolas da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió.

Neste contexto, somos a solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar a realização de colheita de dados/informação, durante o período de 01 a 25 do mês de agosto do ano 2014.

Em anexo, enviamos um exemplar do Instrumento de Colheita de Dados.

Este estudo tem como objetivo analisar as motivações da violência no contexto escolar da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió. Trata-se de um estudo descritivo exploratório de natureza qualitativa e quantitativa. Professores do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió foram sujeitos do estudo.

Os resultados obtidos com este estudo serão colocados à disposição de V.ª Ex.ª, caso se coadunem com os interesses da Instituição a que preside. Mais informamos que o Professor Dr. PhD Amauri Aluisio da Silva, é o responsável pela orientação da investigação, estando disponível para prestar eventuais informações adicionais, através do telefone do IPEA: (81) 9952.9895 / 9538.5995.

Agradecemos uma resposta o mais brevemente possível por forma a cumprir os prazos Académicos dos Estudantes.

Sem outro assunto de momento e muito gratos pela disponibilidade e atenção, apresentamos os melhores cumprimentos.

O Diretor do IPEA



Av. Domingos Ferreira, 4060 -SI 22, Empresarial Blue Tower Boa Viagem, Recife - PE CEP 51.021.040  
E-mail: [aaaluisio@professor@hotmail.com](mailto:aaaluisio@professor@hotmail.com) - [www.ipeabrasil.com](http://www.ipeabrasil.com)

*Paulo Roberto Santos da Silva*  
Paulo Roberto Santos da Silva  
Coord. Pedagógico  
Colégio Carvalho



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU**  
**INSTITUTO PERNAMBUCANO DE ESTUDOS AVANÇADOS**  
**ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU**

**Colégio Omena**                      25/08/2014  
**Exmo. Sra. Dra. Maria Petrucia Silva de Omena**  
**Diretora PEDAGÓGICA**

**ASSUNTO: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA EFECTUAR COLHEITA DE DADOS**

No âmbito da unidade curricular de Viseu, está a Escola Superior de Saúde de Viseu e o aluno: Joseildo Constantino dos Santos, mat.3678 do 2º ano do 3TM Curso de Mestrado em Educação para a Saúde a desenvolver um estudo subordinado ao tema "A Violência no contexto escolar: Percepção dos professores das escolas da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió".

Neste contexto, somos a solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar a realização de colheita de dados/informação, durante o período de 01 a 25 do mês de agosto do ano 2014.

Em anexo, enviamos um exemplar do Instrumento de Colheita de Dados.

Este estudo tem como objetivo analisar as motivações da violência no contexto escolar das escolas da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió. Trata-se de um estudo descritivo exploratório de natureza qualitativa e quantitativa. Professores do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió foram sujeitos do estudo.

Os resultados obtidos com este estudo serão colocados à disposição de V. Ex.ª, caso se coadunem com os interesses da Instituição a que preside. Mais informamos que o Professor Dr. PhD Amauri Aluisio da Silva, é o responsável pela orientação da investigação, estando disponível para prestar eventuais informações adicionais, através do telefone do IPEA: (81) 9952.9895 / 9538.5995.

Agradecemos uma resposta o mais brevemente possível por forma a cumprir os prazos Académicos dos Estudantes.

Sem outro assunto de momento e muito gratos pela disponibilidade e atenção, apresentamos os melhores cumprimentos.

O Diretor do IPEA



**CNPJ 06.047.951/0001-00**

**OMENA E CIA LTDA**

Rua Getúlio Dornes Lima, 144  
 VERGEL DO LAGO - CEP 57015-340

Maceió-AL

*Maria Petrucia S. de Omena*

Av. Domingos Ferreira, 4060 -Sl 22, Empresarial Blue Tower Boa Viagem, Recife - PE CEP 51.021.040  
 E-mail: [aasaluisioprofessor@hotmail.com](mailto:aasaluisioprofessor@hotmail.com) - [www.ipeabrasil.com](http://www.ipeabrasil.com)



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU**  
**INSTITUTO PERNAMBUCANO DE ESTUDOS AVANÇADOS**  
**ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU**

**Colégio Santa Tereza**                      25/08/2014  
**Exmo. Sr. Dr. Hallisson Oliveira Cardoso**  
**Diretor**

**ASSUNTO: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA EFECTUAR COLHEITA DE DADOS**

No âmbito da unidade curricular de Viseu, está a Escola Superior de Saúde de Viseu e o aluno: Joseildo Constantino dos Santos, mat.3678 do 2º ano do 3TM Curso de Mestrado em Educação para a Saúde a desenvolver um estudo subordinado ao tema "A Violência no contexto escolar: Percepção dos professores das escolas da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió."

Neste contexto, somos a solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar a realização de colheita de dados/informação, durante o período de 01 a 25 do mês de agosto do ano 2014.

Em anexo, enviamos um exemplar do Instrumento de Colheita de Dados.

Este estudo tem como objetivo analisar as motivações da violência no contexto escolar das escolas da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió. Trata-se de um estudo descritivo exploratório de natureza qualitativa e quantitativa. Professores do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió foram sujeitos do estudo.

Os resultados obtidos com este estudo serão colocados à disposição de V. Ex.ª, caso se coadunem com os interesses da Instituição a que preside. Mais informamos que o Professor Dr. PhD Amauri Aluisio da Silva, é o responsável pela orientação da investigação, estando disponível para prestar eventuais informações adicionais, através do telefone do IPEA: (81) 9952.9895 / 9538.5995.

Agradecemos uma resposta o mais brevemente possível por forma a cumprir os prazos Académicos dos Estudantes.

Sem outro assunto de momento e muito gratos pela disponibilidade e atenção, apresentamos os melhores cumprimentos.

O Diretor do IPEA



Av. Domingos Ferreira, 4060 -Sl 22, Empresarial Blue Tower Boa Viagem, Recife - PE CEP 51.021.040  
 E-mail: [aasaluisio professor@hotmail.com](mailto:aasaluisio professor@hotmail.com) - [www.ipeabrasil.com](http://www.ipeabrasil.com)



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU**  
**INSTITUTO PERNAMBUCANO DE ESTUDOS AVANÇADOS**  
**ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU**



**Escola Estadual Aurelina Palmeira de Melo**      **25/08/2014**  
**Exmo. Sr. Dr. Moisés da Silva Torres**  
**Diretora**

**ASSUNTO: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA EFECTUAR COLHEITA DE DADOS**



No âmbito da unidade curricular de Viseu, está a Escola Superior de Saúde de Viseu e o aluno: Joseildo Constantino dos Santos, mat.3678 do 2º ano do 3TM Curso de Mestrado em Educação para a Saúde a desenvolver um estudo subordinado ao tema "A Violência no contexto escolar: Percepção dos professores das escolas da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió.

Neste contexto, somos a solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar a realização de colheita de dados/informação, durante o período de 01 a 25 do mês de agosto do ano 2014.

Em anexo, enviamos um exemplar do Instrumento de Colheita de Dados.

Este estudo tem como objetivo analisar as motivações da violência no contexto escolar das escolas da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió. Trata-se de um estudo descritivo exploratório de natureza qualitativa e quantitativa. Professores do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió foram sujeitos do estudo.

Os resultados obtidos com este estudo serão colocados à disposição de V. Ex.ª, caso se coadunem com os interesses da Instituição a que preside. Mais informamos que o Professor Dr. PhD Amauri Aluisio da Silva, é o responsável pela orientação da investigação, estando disponível para prestar eventuais informações adicionais, através do telefone do JPEA: (81) 9952.9895 / 9538.5995.

Agradecemos uma resposta o mais brevemente possível por forma a cumprir os prazos Académicos dos Estudantes.

Sem outro assunto de momento e muito gratos pela disponibilidade e atenção, apresentamos os melhores cumprimentos.

O Diretor do IPEA



*Moisés da Silva Torres*  
 Moisés da Silva Torres  
 Diretor Adjunto  
 Portaria 192/2015

Av. Domingos Ferreira, 4060 –SI 22, Empresarial Blue Tower Boa Viagem, Recife – PE CEP 51.021.040  
 E-mail: [aasaluisio@professor@hotmail.com](mailto:aasaluisio@professor@hotmail.com) - [www.ipeabrasil.com](http://www.ipeabrasil.com)



INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU  
INSTITUTO PERNAMBUCANO DE ESTUDOS AVANÇADOS



ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU

Escola Estadual Guiomar de Almeida Peixoto 25/08/2014  
Exmo. Sra. Dra. Juliana Martins Cabral  
Diretora

ASSUNTO: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA EFECTUAR COLHEITA DE DADOS DADOS

No âmbito da unidade curricular de Viseu, está a Escola Superior de Saúde de Viseu e o aluno: Joseildo Constantino dos Santos, mat.3678 do 2º ano do 3TM Curso de Mestrado em Educação para a Saúde a desenvolver um estudo subordinado ao tema "A Violência no contexto escolar: Percepção dos professores das escolas da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió.

Neste contexto, somos a solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar a realização de colheita de dados/informação, durante o período de 01 a 25 do mês de agosto do ano 2014.

Em anexo, enviamos um exemplar do Instrumento de Colheita de Dados.

Este estudo tem como objetivo analisar as motivações da violência no contexto escolar da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió. Trata-se de um estudo descritivo exploratório de natureza qualitativa e quantitativa. Professores do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió foram sujeitos do estudo.

Os resultados obtidos com este estudo serão colocados à disposição de V. Ex.ª, caso se coadunem com os interesses da Instituição a que preside. Mais informamos que o Professor Dr. PhD Amauri Aluisio da Silva, é o responsável pela orientação da investigação, estando disponível para prestar eventuais informações adicionais, através do telefone do IPEA: (81) 9952.9895 / 9538.5995.

Agradecemos uma resposta o mais brevemente possível por forma a cumprir os prazos Académicos dos Estudantes.

Sem outro assunto de momento e muito gratos pela disponibilidade e atenção, apresentamos os melhores cumprimentos.

O Diretor do IPEA



*Juliana Martins Cabral*

Juliana Martins Cabral  
Diretora Geral  
Portaria / SEE Nº 24/2012  
M.R. 8.12.30-3

Juliana Martins Cabral  
Diretora Geral  
Portaria / SEE Nº 24/2012  
M.R. 8.12.30-3



INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU  
INSTITUTO PERNAMBUCANO DE ESTUDOS AVANÇADOS  
ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU



Escola Estadual Dr. Rodríguez de Melo 25/08/2014  
Exmo. Sra. Dra. Maria Isabel Neves Souza  
Diretora

ASSUNTO: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA EFECTUAR COLHEITA DE DADOS DE DADOS

No âmbito da unidade curricular de Viseu, está a Escola Superior de Saúde de Viseu e o aluno: Joséildo Constantino dos Santos, mat.3678 do 2º ano do 3TM Curso de Mestrado em Educação para a Saúde a desenvolver um estudo subordinado ao tema "A Violência no contexto escolar: Percepção dos professores das escolas da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió".

Neste contexto, somos a solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar a realização de colheita de dados/informação, durante o período de 01 a 25 do mês de agosto do ano 2014.

Em anexo, enviamos um exemplar do Instrumento de Colheita de Dados.

Este estudo tem como objetivo analisar as motivações da violência no contexto escolar das escolas da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió. Trata-se de um estudo descritivo exploratório de natureza qualitativa e quantitativa. Professores do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino na cidade de Maceió foram sujeitos do estudo.

Os resultados obtidos com este estudo serão colocados à disposição de V. Ex.ª, caso se coadunem com os interesses da Instituição a que preside. Mais informamos que o Professor Dr. PhD Amauri Aluisio da Silva, é o responsável pela orientação da investigação, estando disponível para prestar eventuais informações adicionais, através do telefone do IPEA: (81) 9952.9895 / 9538.5995.

Agradecemos uma resposta o mais brevemente possível por forma a cumprir os prazos Académicos dos Estudantes.

Sem outro assunto de momento e muito gratos pela disponibilidade e atenção, apresentamos os melhores cumprimentos.

O Diretor do IPEA



Maria Isabel Neves Souza  
Diretor Adjunto

Maria Isabel Neves Souza  
Diretor Adjunto  
Mat. 0826713-8